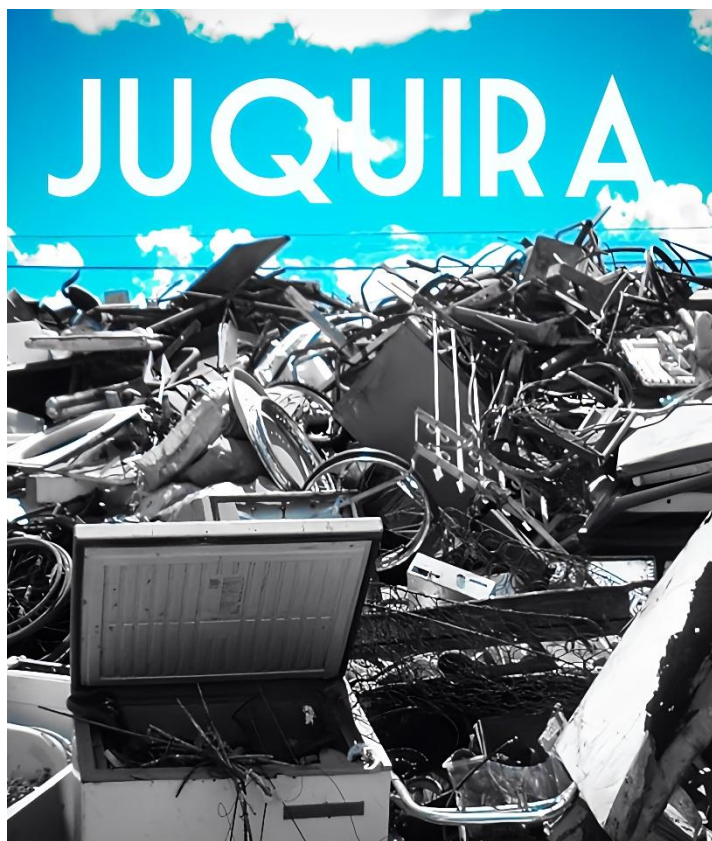




JUQUIRA

RICARDO
CARLIN

Ricardo Carlin



Palmas – Tocantins
2019

Imagens e fotografias

Ricardo Carlin
(*Exceto em Ná², de Lara e Ayla*)

Capa
Adlai Lustosa

CARLIN, RICARDO -JUQUIRA [RECURSO ELETRÔNICO]

1. ED. - PALMAS: EDIÇÃO DO AUTOR

FORMATO: EPUB

REQUISITOS DO SISTEMA: ADOBE DIGITAL EDITIONS

MODO DE ACESSO: WORLD WIDE WEB

1. LITERATURA BRASILEIRA. 2. LIVROS ELETRÔNICOS. I. TÍTULO

EDIÇÃO: JUNHO 2019

RICARDOCARLIN@OUTLOOK.COM



*“Cuidado com a razão
Senão quem vai sofrer é o coração”*
(Marcos Valle/Erasmio Carlos)

ÍNDICE

I – QUI

RECEITA	8
<i>LA COSMOVISIONE PARMEGGIANICA</i>	11
UM PASSEIO COMPLETO PELO NADA	14
NÁ ²	25
DALIR	28
OSTENTAÇÃO	30
GELATINA FRITA	32
POSTMODERNUS	34
IDÉIAS MATAM	36
BEEEE	39
BIG MEC®	41
PEQUENO MANUAL PARA OUVIR MÚSICA	43
EXISTE ALGUÉM AÍ?	46
O GATO	53
PREFEITURA MUNICIPAL DE PALMAS	55

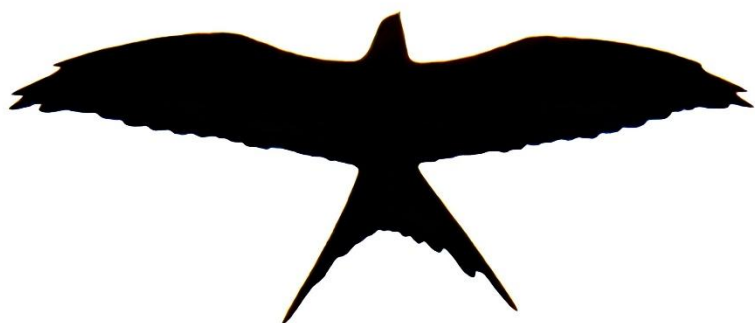
II – ÇA

OM	61
MOSCAS VOLANTES	63
SAROBÁ	65
VERDE-LOURO	67
UMA EXCLAMAÇÃO	69
DDD	71
SUCUPIRA BLUES	73
É ISTO UM HAIKAI?	75
NAS LASCAS DESTA RINCÃO	77
NOVELA DAS OITO	79
JOVEM WERTHER	81
<i>PATHOS</i> POÊMICO	83
EXPIATORIO	86

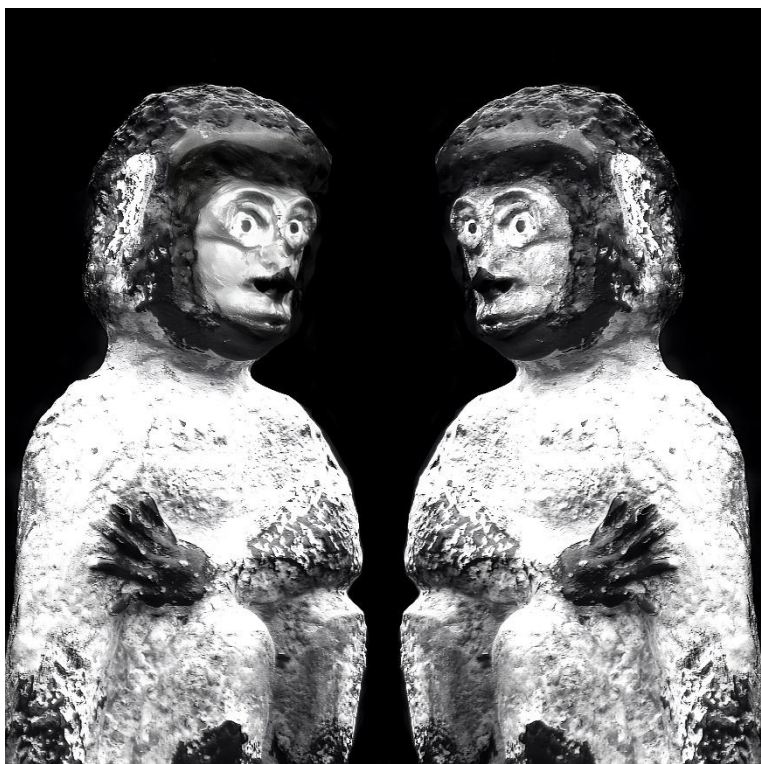
ÁQUILA 89
LIRISSÍSSIMO 91
VIDA EM GOTA 92
NIHIL EXTREME II 93
COLOCAÇÃO 94

III – ÇA

TEORIZAÇÃO SOBRE A TEORIZAÇÃO 102
CACA 104
EM TROCA DE *LIKES* 108
ENREDOS SOCIAIS 111
LIDROS 113
ENVELHECER 115
CIVILIZAÇÃO 118
LIVRAI-ME DE MIM, AMÉM 121
POLÍTICA É PASSA-CHUVA 123
UM CABIDE PRA CHAMAR DE MEU 126
A ARTE NÃO DEVE CONSCIENTIZAR 129
A ARTE NÃO 132
ARTISTAS ANTIMERCADO 135
MERCADO ANTICULTURA 139
NIILISMO ESCALAR 142
DESINFORMAÇÃO 146



I – QUI



RECEITA PARA MUDAR A OPINIÃO DAS PESSOAS USANDO UM BARBANTE E UM CÁGADO

Mudar a opinião de uma pessoa parece simples, mas podemos garantir que é um desafio até mesmo para preceptores experientes.

O segredo está no cerne da volição. É preciso acertar o ponto exato: um pouco menos de argumento resulta em uma verdade malpassada, e o contrário, em uma verdade muito dura que ninguém consegue engolir.

Deve-se conhecer bem os equipamentos e ingredientes que você vai utilizar (potência, tessitura, composição etc.) e testá-los várias vezes até chegar à equação “entendimento x tempo” correta.

Ainda assim, erros são frequentes, porque é possível aquecer a opinião externamente, mas, por ela não estar bem cozida em seu interior — o cerne da volição —, a receita desanda.

O tempo de preparação é infinito-instantâneo e rende uma porção.

Bem, vamos lá para nossa receita.

INGREDIENTES:

- * 2 colheres de chá de isopor instigado
- * 1 proparoxítone à sua escolha
- * 1 sol
- * 2 ouvidos
- * 1 partitura de música de uma cigarra
- * ¼ xícara de óleo de razão
- * 1 barbante para crochê
- * 1 cágado alfabetizado
- * 1 folha de juras e promessas
- * 1 máquina de escrever
- * ½ compromisso
- * Restos de espírito a gosto
- * Memórias perdidas a gosto

MODO DE PREPARO:

1. Lave a proparoxítone e tempere-a com duas colherinhas de isopor instigado;
2. Em uma panela, aqueça o óleo de razão e doure a proparoxítone;
3. Acrescente uma partitura escrita por uma cigarra;
4. Conte há quantos dias você não pisca e deixe cozinhar por mais alguns minutos;
5. Enquanto isso, coloque o sol em uma forminha de gelo e leve ao freezer;
6. Unte a frigideira com restos de espírito, acrescente meio-compromisso e polvilhe memórias perdidas, espalhando os ouvidos pelas janelas sem parar de mexer a frigideira;
7. Quando estiver bem frito, desligue o fogo, deixe arrefecer um pouco, enrole tudo nas juras e promessas e jogue fora;
8. Transfira a proparoxítone para uma travessa, junte as pedrinhas de gelo de sol e aguarde.
9. Amarre o barbante em volta do pescoço do cágado e o convença a andar até a máquina de escrever (é preciso que ele faça isso por vontade própria, o barbante é apenas para indicar o caminho).
10. Quando o cágado datilografar: *“E por acaso você já viu alguém nessa vida mudar de opinião, idiota?”*, sua receita estará pronta.
11. Sirva em seguida.



LA COSMOVISIONE PARMEGGIANICA

O sistema parmeeggiano, misto de ciência e teologia, sustenta que o universo é constituído de um molho ingredientizado por incontáveis dimensões (planos) sobrepostas em camadas, e entre as quais glotes retroexpansivas atuam como pontes direcionais de existência.

Cada dimensão é habitada por uma gradação que vai de seres a não-seres, os quais afluem em movimentos sentiduais pelas rugas nela circunscritas.

A totalidade dessas dimensões é denominada *l' grande massa*, cuja origem, ainda especulativa, teria sido a desgestão atemporal crestada no forno animosfórico.

Tudo o que há dentro da *l' grande massa* se influi valorosa e simultaneamente. Mas tais influências são invisíveis fisicamente de uma camada para outra, pois é impossível aos seres, aos não-seres, e às demais representações intermediárias, observarem-se uns aos outros.

A hipótese parmeeggiana afirma, assim, que a *l' grande massa* é composta de planos existenciais interpostos, os quais podem ser horizontais (de mesmo enchimento imantoso) e verticais (em que há heterogeneidade enchimental).

Conquanto aparentemente invisíveis, é possível pressentir as existências dos (-)seres nas demais dimensões pela progênese de energias obscuras (aquelas desmaginadas quando há enquadramento anímico) das intercessões geométricas.

Em uma dessas, a nossa, encontram-se os lusco-fuscos denominados seres-humanos, e também os não-seres diumanos e os a-seres hiperfísicos.

Já em um dos diversos planos verticais, habita um ser-não-ser cognominado Deus (seres-não-seres também são denominados supra-seres, pois, embora não ultrapassem as camadas, reinam absolutos na dimensão ontosférica que ocupam e são constituídos de um ingrediente anormófico plenitudeal).

Tais espécimes sempre habitaram a imaginação dos (-)seres nos demais níveis e são objetos de constantes estudos, sendo Deus particularmente mais íntimo devido à nossa contiguidade plotumbiária.

Visto que não se possa provar com segurança Sua existência, seja pelos ainda precários instrumentos sensórios-observacionais, seja pela turbu-

lenta influidez cosmoferial, há, no entanto, um aporte *mezzo-cognitivo* de relevante estatura científica que pende para a confirmação daquela.

O sistema parmeggianico, pois, ao cabo de sua elegante terminologia, de sua matemática retilínea e de sua gastronômica geometria, traz à tona a ontocsmografia mais clarividente de nosso tempo ao rematar que: no plano onde os seres-humanos existem, o ser-não-ser Deus não existe; e, naquele onde Ele existe, os seres-humanos não.

In síntesi: Deus existe numa dimensão em que nós não existimos e vice-versa.

“Sia la luce!”. E la luce fu.



UM PASSEIO COMPLETO PELO NADA

— *Inaugurada semana passada, a nova exposição do heterodoxo artista Péri-
tles O. Werer é uma viagem fascinante ao âmago da arte – Por Élisson Carli-
ne —*

Trajando um quepe multicolorido de veludo, cujas abas cobrem parte de suas orelhas, e gesticulando de forma incalculada com sua mão esquerda, enquanto a outra permanece descansada no bolso das calças, o indiano Péri-
tles O. Werer não transmite a impressão de quem é, hoje, o artista mais cultuado do globo.

Brilhantes e desenvoltos, seus pequenos olhos estão sempre perscrutando a linha do terreno onde pisa, levantando-se apenas quando fala a seus interlocutores — os lábios carnudos e as bochechas intumescidas — num tom monócórdio que contrasta com a gravidade de sua voz e a ferocidade de seus grandes dentes.

Werer reside atualmente no interior da Austrália, em uma chácara nos arredores de Port Douglas, para onde se retirou em busca de tranquilidade e de mais tempo para se dedicar às suas criações, o que é um tanto difícil, já que passa a maior parte do ano viajando pelo mundo, no percalço de suas exposições.

Até onde se sabe, nunca exerceu outro ofício que não o de artista, mesmo porque já aos dezesseis anos passou, com suas criações, a chamar a atenção da crítica especializada.

São dessa época as famosas telas e esculturas da série “Remoinho”, ainda hoje expostas nos circuitos profissionais de museus e galerias.

Principal divulgador da obra de Damien Hirst, quando este era apenas um artífice anônimo em busca de reconhecimento, Péri-
tles é considerado atualmente um dos artistas mais completos que existem: atua nas artes plásticas, escreve música, roteiros para o cinema, coreografias de dança e faz literatura em prosa e verso.

Vende discos, expõe nos museus mais conceituados do mundo, lota casas de cinema: seus roteiros são disputados em lances milionários pelos maiores produtores. Seus livros foram traduzidos em dezenas de idiomas e, por onde quer que vá, atrai um séquito de fãs e celebridades.

Não é por menos que sua nova exposição, inaugurada na última quinta-feira, dia 13 de novembro, em Xangai, tem despertado uma atenção mundial esfuziante.

Trata-se de um projeto ambicioso para qualquer artista, mas não para ele: reunir no mesmo local, de uma só vez, as últimas criações das áreas em que atua.

A exposição chama-se “Sem título” e, desde sua inauguração, tem arrebatado o entusiasmo da crítica e do público, não obstante o elevado preço dos ingressos.

Não foi à toa, portanto, que nossa equipe de reportagem recebeu com extrema felicidade a notícia de que o autor aceitara ser ele mesmo o guia da visita que faríamos à mostra, horas antes da inauguração.

Chegamos ao local às 11 horas — a exposição seria aberta ao público somente às 14 horas — e Péritlet já nos aguardava, visivelmente entusiasmado.

As obras são tão numerosas que se fez necessário alugar um hangar para a realização do evento, o qual está situado nos arredores do aeroporto de Pudong, distrito de Xangai. Seguro, de fácil acesso aos visitantes e lanhado por traços arquitetônicos ultramodernos.

Os aviões e equipamentos foram removidos do abrigo e, em seu lugar, instaladas paredes de todos os tamanhos e disposições para dividir o ambiente em vários departamentos, cada qual destinado a uma vertente de sua arte bem como aos setores administrativos: escritórios, salas de tecnologia, praça de alimentação etc.

Antes de entrarmos, Werer falou do *leitmotiv* que rege toda a exposição. Em suas palavras: “Se posso ser breve, o que exponho aqui hoje são as obras que eu não fiz, ou melhor, que não cheguei a realizar, mas que são obras deveras, porque todas possuem, efetivamente, uma ideia ou conceito como fundamento. Chamo isso de ‘arte negativa’, ou ainda, ‘arte supressiva’”.

A ansiedade nos fazia caminhar em direção ao interior do complexo enquanto ouvíamos a explicação do autor e só paramos ao chegar, após atravessarmos todo o hall de entrada, na porta que se abre ao primeiro salão: o das pinturas e gravuras, e maior de todos.

Aqui estão expostas 158 telas e 90 gravuras completamente brancas, em formatos e disposições variadas, que firmam de antemão a reconhecida prolixidade de Werer.

As obras foram nominadas individualmente em algarismos romanos: aquelas vão do número I a CLVIII e estas do número I a XC.

Segundo o artista, essas peças foram idealizadas utilizando-se a maior diversidade de técnicas possíveis, mas ele não deixa de confessar que sua preferência continua sendo a pintura a óleo e a xilogravura.

Os temas, por sua vez, representariam desde os assuntos mais perfunctórios da natureza humana até os acontecimentos históricos mais relevantes das últimas décadas, destacando-se aqui o teor político presente na maioria de seus trabalhos.

Desde o começo de sua carreira, Péritlet revelou domínio tanto da arte figurativa na sua forma mais realista quanto da arte mais abstrata, vertente da qual tem se valido com mais frequência ultimamente, isto é, antes de começar a singrar por este novo conceito, chamado por ele também de “desfazimento”.

Percorremos as peças uma por uma, deslumbrados pela vivacidade de suas formas, invariavelmente preenchidas de um branco absoluto. Mas ao cruzarmos por uma sequência específica de quadros dispostos lado a lado, e que diminuía de tamanho de um para outro, Werer nos reteve e passou a explicar: “Esses aqui representam os sentidos humanos. O fato de estarem agrupados significa que possuem um tema comum, e a diminuição constante do tamanho invoca a necessidade de utilizarmos cada vez menos nossos sentidos para que prestemos atenção cada vez maior ao silêncio primevo, residente no fundo de nossa alma. É a busca da inanição material em favor da mudez espiritual.”

Absortos nestas palavras, não víamos o tempo passar, mas precisávamos seguir em frente e visitar os outros compartimentos.

A saída do aposento é feita através de um túnel completamente escuro, à exceção de uma longa tira de *LEDs* que indicam o caminho, no final do qual encontramos duas portas, cada qual servindo de entrada para uma nova sala. Optamos pela exposição de dança.

Este ambiente conta com uma iluminação rosa, amarela e azul, formada por holofotes fixos. A sala é ampla, de formato circular, não possui outra saída nem decoração.

Um isolamento acústico dos mais eficientes permite que uma música feita apenas de barulhos coligidos do meio urbano seja reproduzida em volume intimidatório, sem vazamento para o exterior.

Já a exposição em si, consiste em 53 manequins organizados em espaços diferentes entre um e outro, cada qual segurando uma folha branca.

A maioria está disposta em pé, nas suas respectivas bases; os outros estão deitados e sentados.

Pérites, que já compôs coreografias tanto para o balé mais clássico quanto para danças contemporâneas mais iconoclastas, apressa-se em explicar: “Os manequins representam os dançarinos que participariam das apresentações, e os papéis as notações coreográficas. Escolhi dispô-los em poses variadas justamente para acentuar a diversidade de estilos com os quais estou acostumado a trabalhar. Veja bem, a dança tem uma importância fundamental na minha formação artística. Sempre a considereei uma das manifestações mais significativas do ser humano, porque nela ele transcende a geometria de seu corpo e alarga o conceito de espaço. Mas, ao prosseguir neste pensamento, vejo agora que a estática consegue ultrapassar não só a geometria mesma como também o próprio espaço. Quer dizer, a imobilidade é a dança *de per si*”.

Corpos plásticos paralíticos, ausência de notações de movimentos, mudanças de espaço que nunca acontecerão, tudo isso ao som de uma música sem harmonia nem ritmo: Werer (redes)configura a dança para um novo patamar, sublime e superior, lançando os fundamentos que certamente serão adotados daqui para frente.

Voltamos à porta pela qual entramos e seguimos à terceira sala, das esculturas e cerâmicas.

Ao contrário da anterior, essa possui paredes revestidas de azulejos quebrados. Os espaços entre eles estão forrados por pedaços de pedras dos mais variados tipos e tamanhos, desvelando uma inventividade complexa e fascinante, encantadora por si só. “Isso é obra dos engenheiros que montaram a sala”, nos diz o artista.

O ambiente é dividido em duas áreas perfeitamente identificáveis pela diferença de revestimento nas paredes.

Uma, a das obras em cerâmica, possui decoração predominantemente de plaquetas em cores neutras e pedras esmigalhadas, enquanto a outra, a das esculturas propriamente ditas, é composta de azulejos em cores vivas intercalados por pedras de cristais.

Na primeira área estão instalados 36 suportes rigorosamente espaçados à distância de 40 centímetros uns dos outros, que sustentam um pequeno saco de terra com um copo d’água por cima.

Trata-se da representação da argila. Embora tecnicamente esta se forme de outro modo e por outros materiais, Werer explica que a aspiração é realçar a unicidade da matéria: “O ‘Indistintivo’, o que está por trás de cada coisa existente, aqui representado pelo barro, substância primeira tanto dos objetos inanimados quanto dos seres humanos, como estabelecido por meio do misticismo cristão”.

E acrescenta: “O fato de estas obras não terem sido realizadas, ou melhor ainda, de a matéria-prima — o barro — não ter sido obtida, vai ao encontro do cerne da arte supressiva, pois sequer temos o meio com o qual o objeto artístico pode ser criado. É um aniquilamento *a priori*, que traz a perspectiva de que a melhor arte é justamente aquela que não foi produzida. Por isso mesmo, é a única capaz de abarcar todas as possibilidades. Assim, o artista passa da condição de um mero artífice para a de um deus. Um deus de olhos e mãos atadas, poderíamos dizer, mas que a tudo vê, compreende e potencialmente realiza.”

Na segunda área, em coerência com o pensamento de Péricles, há 25 monturos de areia, que originariam esculturas de pedras, e 18 pedaços de raízes de árvores, remetendo a esculturas de madeira.

Esta sala foi uma das mais encantadoras que tivemos o prazer de visitar. Pensar que de todo o material ali disposto poderiam ser criadas as esculturas mais complexas, cada uma com seu volume, textura e, por que não dizer, cheiro próprio; preservando dentro de si um panteísmo ao mesmo tempo ímpar e universal, enquanto, na sua exterioridade, a beleza das diferenças é manifestada. Maior inclusão impossível!

Seguimos em direção à saída que, novamente, dá para um túnel, mas este é iluminado por uma tênue luz azul. Seu piso é emborrachado e as paredes são cobertas por forro amarelo, que em contato com aquela luz torna-se verde.

Neste túnel, temos três portas, cada qual dando para um salão diferente, os quais, por sua vez, estão interligados entre si por outras portas. Escolhemos entrar primeiro no salão do audiovisual.

Numa sacada de mestre, Werer decorou as paredes, o teto e o chão com fotos gigantescas dos manequins expostos na segunda sala. Na realidade, não é possível ver as paredes e muito menos sua decoração, por razões que explicaremos a seguir.

“Representam a inércia e o mutismo”, relata o autor, acrescentando: “O cinema e a música possuem a mesma natureza intrínseca: o movimento.

Enquanto nesta a expressão do movimento é dada pelo ritmo, que nos alcança sobremodo pelo sentido da audição, naquele é resultado da alternância da luz e da escuridão, e ainda pela sucessão das cores, captado pela nossa visão. Negar a essas duas vertentes artísticas o movimento é dar-lhes vida, ao contrário do que a lógica impõe. Sendo estáticos e inertes — por isso, engessados — a música e o filme inundam-se de uma energia embrionária que é também mãe de todo deslocamento possível. Isso não só alarga os limites, mas também os desintegra. Mais uma vez: é a supressão o que irá nos encaminhar à amplificação”.

Nesta sala há incontáveis objetos expostos: discos de vinil sem furo nem ranhuras (sulcos); mídias virgens de CDs (CD-R e CD-RW); fitas cassetes lacradas de várias marcas e até de fabricação própria; cadernos de partituras de todas as claves e espécies, preenchidas apenas por pausas (desde a da semifusa até a da semibreve); cadernos de tablaturas e cifras sem anotação de acordes; instrumentos de sopro sem bocal e de cordas sem tarraxas; pianos sem teclados; filmadoras dentro das caixas; projetores com as saídas tampadas; vários telões e telas de projeção enrolados; além de outros, todos nunca utilizados ou utilizáveis.

Chama a atenção ainda o silêncio do ambiente, resultado de um isolamento acústico produzido por materiais de avançada tecnologia, principalmente ressonadores que vibram em resposta a qualquer frequência de forma idêntica a esta, só que com uma defasagem de 180 graus, provocando o cancelamento de ruídos.

Isso faz com que as pessoas não consigam ouvir nada nem conversar, a menos que falem ao ouvido uma da outra.

Além disso, exceto pela iluminação estritamente necessária para observar os objetos expostos — ainda assim somente bem de perto — a sala toda se mantém envolta em escuridão.

Desta forma, ao produzir um ambiente cujo som não se propaga, e no qual a luz é vencida pelas trevas, Werer cria o conceito de música e vídeo plenos, remetendo-nos à metáfora da surdez e da cegueira inerente — ultra-sentidos capazes de dialogar de uma só vez com a transcendência e a eternidade.

Devemos confessar que este ambiente causa certo desconforto com o passar do tempo: prova de quão instigante é essa arte. “Isso também é intencional”, confessa o artista. Assim, sem mais demora, passamos à sala das fotografias, contígua à anterior.

Aqui estão expostos 87 quadros sem moldura, e, ao contrário dos presentes no primeiro salão, todos possuem o mesmo tamanho. Foram nominados pelas letras do alfabeto (após o “z”, passam a “ab”, “ac”, “ad”, e assim até o final), sendo uns todos brancos e outros todos pretos.

Seguimos contemplando os trabalhos um por um, mas ao passarmos em frente ao quadro “bw”, Werer detém-se e relata: “Este é o meu favorito. Tanto a imagem que seria representada quanto o momento em que a fotografia seria obtida gravaram-se em minha memória de forma indelével: eu passeava de carro por uma rua da Cidade do Cabo. Era uma via elevada porque transpassava um pequeno morro. À minha esquerda, vi um menino que empinava uma pipa. Vestia um calção vermelho de *nylon* e estava sem camisa e sem chinelos. Sua pele resplandecia com sua jovialidade; seus cabelos estavam desgrenhados, mas era como se tivessem sido metodicamente bagunçados. Ao fundo, via-se um oceano de vários mares, cuja cor azul se revolia misturando-se à do céu. Por isso, a paisagem transfigurava-se numa única e imensa abóbada celeste ou marinha — impossível distinguir. O dia estava ensolarado e calmo. Era um final de semana. Os trabalhadores já haviam encerrado suas atividades e agora desfrutavam dos momentos lúdicos com suas famílias. O pequeno movimento do trânsito permitia que as crianças brincassem nas ruas, justamente o que fazia naquele momento o protagonista desta (a)fotografia. Mas seu semblante contrastava além da medida com o ambiente em torno. A sua pipa, predominantemente da cor verde, com uma rabiola longa e multifacetada, esbarrava numa rajada de vento tão forte que exigia do menino um esforço enorme para controlá-la. Foi justamente quando virei meu rosto e o vi. Embora por breves segundos, a realidade daquele pequeno compasso conseguiu me arrebatar de forma tão profunda, que todos os detalhes me marcaram. O rosto do rapazinho transparecia uma aflição incrível, como o de um gladiador frente aos animais que enfrentará, para puro deleite da plateia”.

Péritles calou-se por um minuto. Naquele momento seu olhar parecia afastado de seus olhos. Os lábios se retesaram, o que dava ao rosto a expressão de um cervo abatido, após a fuga fracassada de um grande predador. Seu corpo, no entanto, denotava a tranquilidade de um sábio monge que houvesse vislumbrado uma límpida concepção de universo.

Por conseguinte, finalizou: “O momento calmo da rua, a beleza inaudita da paisagem, a paz que tudo isso exprimia em contraposição ao rosto exasperado da criança, ditavam um quadro tão complexo e incompreensível

que só a arte poderia traduzi-lo. E qual a melhor arte para isso senão aquela não produzida? Como podem ver, esta fotografia não capturada é, por isso mesmo, a mais autêntica e fidedigna ao objeto retratado. Ouso dizer que, de todas, é a melhor peça desta coleção”.

Impossível discordar do artista. Em meio a tantos quadros, ora de um branco total, ora de um preto profundo, este “bw” realmente se diferenciava dos demais.

Esta única obra-prima, nem sequer corporificada, punha um “quê” de dúvida em toda a história da fotografia até então, forçando-nos a admitir que tudo não passa de uma longa e bem urdida fraude, e que ela sim é o espírito e a reencarnação da arte a ser praticada neste mundo.

Ora, Werer é reconhecidamente um mestre da técnica fotográfica. Analisando-se aquela obra, também conseguíamos antever a precisão do enquadramento, o perfeito equilíbrio do branco, a contraluz pontual, o tempo exato de exposição e a justa abertura do obturador, caso a foto tivesse sido tirada.

Paramos um longo tempo naquela galeria em contemplação, mas por dever de ofício precisávamos seguir. Assim, passamos à última sala: a da escrita; das letras e narrativas; da expressão textual e intelectual — da literatura, enfim.

Este recinto é o menor de todos, mas o mais alto. Seu formato horizontal é quadrado e cada um dos lados mede apenas cinco metros. No entanto, sua altura atinge trinta metros, como se fosse uma grande chaminé para o céu.

Não possui absolutamente nada em seu interior. As paredes são completamente brancas... e isso é tudo. Nesse deslumbrante espaço, a produção do artista encontra seu clímax.

Sem risco algum, podemos afirmar que chegamos aqui ao ápice de sua obra, ao cume, ao cimo mais elevado, onde o requinte, o apuro e o rigor se entrelaçam, e o extremo da perfeição encontra seu curso.

Werer nos conta que abdicou de tudo que pudesse ser usado como aparato para a produção de seus escritos: letras, palavras, frases, orações, parágrafos, capítulos e até mesmo livros.

Seu interesse, diz, é penetrar no universo incógnito da linguagem, onde as formas não existem e a expressão em-si é desnecessária, pois o entendimento é realizado pela indiferença. “Uma vez que apenas o enigma é perene e irradiante, toda linguagem não é mais que a transmissão de um

erro”, disse o autor, acrescentando: “Tenho ideias as mais variadas para compor minhas obras literárias e poderia simbolicamente representá-las por livros que seriam expostos aqui, por folhetins, por textos emoldurados nas paredes, por pergaminhos e até pela recitação mesma, mas isso tudo constitui o exato oposto do que minha arte quer ensinar. O que proponho é uma perturbação com logro ao discernimento. O nada que tudo consegue mudar. Daí que minha literatura a partir de agora não será mais escrita, pois isso, entendendo hoje, é ceder às convenções e à intransigência. A verdadeira literatura só pode existir quando não puder mais ser expressa. E para isso precisamos assassinar a linguagem, destruir a fala, amputar nossas línguas”.

Werer, como se nota, é aficionado pelo niilismo, ao relativismo e à mais rigorosa secularidade. Sua verve coloca por terra a verdade e os princípios.

Ferrenho defensor da razão humana e da modernidade, discípulo da mais nobre linhagem iluminista, sustenta que a tradição e o pensamento clássico não passam de poeira que embota nosso entendimento.

São famosos os versos que publicou em sua língua natal (excerto em tradução livre):

*“Poetas, filósofos, homens da largada
Dos primordiais pensamentos humanos;
Sócrates, Aristóteles, mentes brilhantes
Da aureoreal história recontada,*

*Chorai:
Vocês não viram a modernidade!*

*Não viram os fornos de micro-ondas
Controlando a evaporação das carnes;
As drogas sintetizadas
Nos laboratórios firmados;*

*A ganância dos metrô pastando eletricidade;
A música elaborada nos eletrodos
E as amplificações valvuladas!*

Meninos mestres,

Chorai!

*Vocês não sentiram a fissão nuclear;
Os nêutrons molhados;
Os matadouros de elétrons;
Os ferros-velhos de átomos.
Vocês não viram os computadores
Nas parselhas vencendo os cavalos.
(...)”*

Anteriormente, o autor já havia manifestado — em seu poema “Não, senhor!” — a temática da incompletude, que agora, em sua mais nova obra se revela, paradoxo dos paradoxos, totalmente elaborada.

Transcrevemos abaixo o referido texto, também em tradução livre:

*“Deixar incompletas todas as revelações,
Os aparentes motivos das explicações,
Os versos sentidos
Dos incompletos raciocínios.*

*Deixar ali,
Na antessala,
Tal vela apagada e esquecida,
Tanto a morte quanto a vida.*

*(Homem de negócios não consumados,
Poeta dos livros rascunhados,
Legislador que não mandou em nada.)*

*Deixar as respostas incompreensíveis,
Os caminhos destrilhados,
O final inacabado.*

Tudo nunca.

*Sempre pensado e irrealizado.
Sonho ao meio cortado,*

*À meia-noite,
Metade d'um quarto.*

Deix”

Mas, longe de se rebanhar aos demais artistas de sua geração, Werer se constituiu, efetivamente, na expressão máxima de uma individualidade, tendo continuado de onde os outros, já sem fôlego, viram-se obrigados a parar.

É o que nos prova a exposição agora realizada, toda ela de obras irrealizadas!

Se antes se utilizava das palavras para tecer seus escritos, agora nem sequer se propõe a compô-los, fato que o alicerça ao apogeu, onde reina absolutamente sozinho, sem que ninguém tenha condições de ombreá-lo.

As horas passaram e chegava o momento de ir embora. Dali a pouco a exposição seria aberta ao público.

Despedimo-nos de Péritles ali mesmo e percorremos o caminho inverso, o que nos possibilitou admirar as obras um pouco mais, mesmo que de passagem.

Ele permaneceria até o horário de fechamento da exibição, às 20 horas, reservada uma para a distribuição de autógrafos. Na verdade, pequenos pedaços de papel amassados pelo artista, sem qualquer grafia.

A exposição ficará em Xangai por mais uma semana. Após, toda sua estrutura será desmontada e remontada nas cidades de Londres, Berlim, Paris, Amsterdã, Montreal, Nova York, Cidade do México, São Paulo e Buenos Aires, respectivamente.

Mas não deverá parar por aí. Werer é requisitado nos maiores centros culturais do globo e certamente deverá seguir com sua exposição pelo mundo, comparecendo pessoalmente enquanto sua arte desaparece.



Naná tem uma tatá, que é a mulher do totó.

A tatá da Naná chama Cultura. Ela é uma gracinha, muito bonitinha e brincalhona.

Naná adora sua cachorrinha. Está sempre agarrada com ela. Tudo para Naná é a Cultura.

Cultura pra lá, Cultura pra cá. Que a Cultura é isso, que a Cultura é aquilo.

Naná adora exibir a Cultura para os outros: na rua, no colégio, na internet e até nas festinhas com seus amiguinhos.

Ela compra rações de tudo quanto é tipo para a Cultura. Tem uma ração sabor Livro, outra sabor Teatro. Tem uma sabor Artes sortidas. Tem um monte!

Mas a que Naná acha melhor é a de Cinema. “Essa é bem moderna e sofisticada”, ela diz para sua mamãe.

(Naná adora a palavra “sofisticada”, que um dia o professor falou. A Cultura também adora, porque a ouve e fica abanando o rabinho.)

Naná gosta ainda de dar coisas diferentes para a Cultura comer e de viajar com ela a um monte de lugares.

Quando os amiguinhos da Naná vão visitá-la, ela sempre mostra a Cultura para eles.

“Olha o quanto minha Cultura tá linda!”, ela diz. Daí eles respondem: “Nossa Naná, é mesmo, que inveja da sua Cultura!”.

E Naná fica toda feliz.



Naná também tem uma miau. A miau da Naná chama Sabedoria.

Mas a Naná não se dá muito bem com a Sabedoria.

Ela não fica lambendo o rosto da Naná e nem se esfregando nela querendo atenção.

A Sabedoria gosta de andar pelos cantos da casa sozinha e até dá trabalho conseguir chegar perto dela.

Muitas vezes, foge e brinca de se esconder.

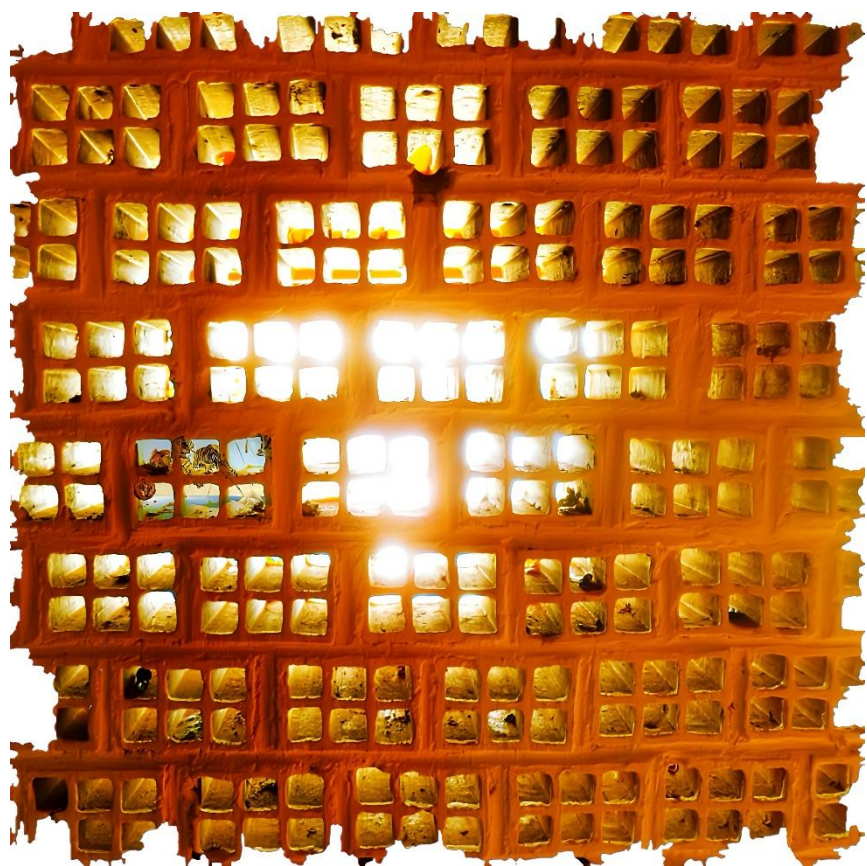
A Sabedoria e a Cultura são amigas. Mas nem sempre a Sabedoria quer brincar com a Cultura.

A vovó da Naná é quem tem mais intimidade com a gatinha.

No dia em que a Sabedoria deu uma arranhada na Naná, ela foi correndo perguntar para sua vovó: “Vovó, como faço pra chegar na Sabedoria?”.

Ela respondeu: “Minha netinha, acho que você precisa se aproximar dela com o coração e também ter um tiquinho de coragem. Mas essa é uma pergunta que ninguém sabe responder direito. Você terá que encontrar a resposta sozinha”.

E Naná fica toda pensativa.



DALIR (v.)

Hoje em dia, dormir é a coisa mais difícil 1. As casas são iguais a potes de iogurte colados 2. O barulho de plástico entra pelos ouvidos como um gosto de morango metálico 3. O ventilador marulha tal qual Titanic com escapamento sem ponteira 4. O ar-condicionado, então, parece um avião que cruza os nervos sem escalas 5. As luzes dos produtos eletrônicos transformam em boate as pálpebras 6. A vibração do celular faz massagens em glândulas imaginárias 7. Ouve-se chorar uma criança na prisão por sua boneca do lado de fora 8. Um ônibus passa manteiga correndo no pão e, quando termina, buzina 9. Um gato fosforescente é atropelado e explode em fogos na esquina 10. A televisão liga sozinha e se reproduz hermafroditamente 11. No rádio, um jornalista anuncia uma tragédia grega enquanto mente 12. Alguém entra correndo no quarto e pergunta sua opinião sobre a insônia 13. O despertador desacertado toca o sermão da montanha 14. Um peixe-tigre acompanha o voo de uma abelha ao redor de uma romã com espingarda — ah não, isso já é um quadro na cabeça de quem sonha



OSTENTAÇÃO

Tirei a carteira do bolso e mostrei para o pessoal: doze pilas. Ia dar pra comprar um prato-feito no almoço e me sobriariam apenas dois reais.

Admiração total dos presentes.

Menos do Vanuso, que sacou do bolso as únicas moedas que havia, contou-as em prolífico som, provando decisivamente que aquilo só dava para o ônibus até em casa; depois, estaria zerado.

Vi isso e baixei os olhos, meihumilhado.

Menos ainda do Suméro, que abriu a carteira de par em par, vazia.

Quer dizer, de dinheiro: além da identidade havia um boleto pra ser pago ainda hoje senão, deusolivre, pensa num homem lascado!

Baixei foi a cabeça toda agora, minificado.

Foda, sempre tem um querendo aparecer mais que os outros!



GELATINA FRITA

A época de chuva na cidade de Palmas é reconfortante.

O céu sonolento, as nuvens estiradas numa rede, o vento sentado debaixo de um pé de manga tocando flauta, todos com preguiça, mas muito vivos.

Brota o verde marca-texto. A claridade se envergonha. O calor fica sem gasolina.

A impressão é que a alegria dessa cidade é nuviosa, enevoadada, cinza.

Veja, o galinzeiro parece uma carambola cantando. Aquele prédio agora, um filhotinho de serra. As árvores estão parindo ouro. Os pés da goiabeira levantaram voo.

Até os orelhões dão frutas. Um papagaio canta sem rouquidão, e as crianças estão empinando suas mãos.

As placas de trânsito pedem silêncio. Ali, uma andorinha pescou um carro, e aquela formiga late para um bloco de cimento musgado.

Palmas derrama-se em lindeza.

Não que o céu da época do estio não seja bonito.

Na verdade, se é para reparar mesmo, é naquela época que o dia palmense é lindo de verdade. Quando as cores, de tão fortes, alvejam de azul os olhos.

O problema é que a seca é muito prolongada no tempo; e o calor, tão forte que derrete as bússolas, frita os calendários, cozinha todas as velocidades.

Brevíssimo logo-após o fim da estação das chuvas, a mataiada verde, tal como pássaros migratórios, vai em busca de outras paragens, e por aqui fica um cerrado já bebido, tonto, quase caído no vício.

O asfalto se transforma em lagos e piscinas, e a serra, por não conseguir fugir, vomita carvão noite e dia.

Já agora, na época da chuva, é diferente, de uma amenidade... sufocante? Não é bem o adjetivo, mas a ideia é essa que o leitor... entendeu?

Enfim, dá gosto olhar para fora e ver uma poça de rua a lamber quem passa, os matinhos perdendo a vergonha, e as pessoas de guarda-chuva capinando água.



ATENÇÃO



**HOMENS
TRABALHANDO**

POSTMODERNUS

A princípio, queria ser pintor. Mas o estudo da perspectiva, o uso dos materiais, das cores, os matizes, os tons, as texturas, o treino necessário... Muito complicado, afirmou.

Tentou ser músico. Contudo, praticar um instrumento horas a fio, diariamente, não lhe aprazia tampouco. Nem a teoria — pentagramas, modos tonais, escalas, compassos, graus...

Começou a encenar e representar. Até perceber o quanto deveria treinar, disciplinar-se, fazer exercícios, ensaiar...

A dança: os pés lhe doíam. Câibras. Joanetes. Era um descoreografado! E, em matéria circense, um desconjuntado.

Buscou a literatura. Praticara a poesia na juventude e agora tinha ideia para uma novela. Porém, escrever todo dia exaure qualquer vivente!

Então, por sempre deixar de ler o livro para assistir ao filme baseado no, decidiu fazer cinema. Todavia, nunca compreendeu aqueles filmes demorados... os diálogos intermináveis... as cenas desencortadas... E ainda, noções de roteiro, som, figurino, produção... Extenuante!

Escultura, artesanato — volume, forma: costurar, trançar, cinzelar, entalhar, moldar, dobrar, gravar, quebrar, fundir. — “Tudo isso!”, horrorizava-se.

Daí à arquitetura. Mas o curso, o cálculo, o projeto, a estética, a ordem, a organização do espaço... *nil sine magno labore*.

Ah, a fotografia! Mas como tirar a câmera do automático? E a habilidade de enxergar pormenores, recortar a paisagem, capturar acontecimentos, ver...?

Foi insistindo nessas e em outras atividades afins, mas acabou renunciando a tudo.

Então virou artista.



Bem, isso é constrangedor, só que, sim, a serpente me seduziu e eu comi, e agora estava lá, abraçando-me às ideias. Era, nas ideias!

Meus amigos, foi uma época pesada de minha vida. Se topava em qualquer realidade, já punha a mão no bolso e tirava uma ideia.

Metafisicamente, estava jogado à calçada junto a outros dependentes, roto, imundo, naquela imensa ideialândia, apanhando dos fatos.

Comecei com o uso de realidades paralelas. Pois então, é como dizem: elas são a porta de entrada para inconsciências mais pesadas.

Do uso de RPs para as ideias puras foi uma sinapse. (Nas RPs, bem ou mal, seus pés ainda se fincam nalgum lugar, sente-se o muco da terra, dá frieira, uma coceira castanha.)

Quando menos vê, seus pés já passaram à cabeça, os dedões enterraram-se nos ouvidos, as palmilhas estão cobrindo os olhos.

Num instante e tinha vendido meus sapatos (que tantos caminhos me fizeram enxergar), meus óculos (que a tantos avisos me levaram) e meu chapéu (que de tanto calor me alimentou) pa... para... para comprar livros. Mas não só: também soluções! (Essas vendidas já prontas para consumo.) E ainda respostas! (Aqueles anteriores mesmo às perguntas.)

Isso me entupia de ideias, ideia, idéas, idae, eae, ae, e, a, mãe, socorro! Compadre, eu tava era usando ideia nas veias já!

Nem preciso dizer que descrençara da Realidade. (— Tudo é desinrelativo, ora!) Até o dia em que a encontrei cara a cara na rua (ela mesma, a Real).

Não duvido da sua bondade, mas nessa vez apanhei tanto dela, tanto, que o meu umbigo se abriu e dele saiu uma linguagem morta.

Caí no chão e meu rosto grudou na grama de um jardinzinho. Não conseguia levantar. Fiquei observando a grama ali na frente dos meus olhos e meu cérebro disparou: “a grama é azul, a grama é vermelha, a grama é cinza, a grama nem é grama”.

Ele foi falando, falando, até que de repente, vupt! sumiu a voz. Fiquei perdido. Arregalei os olhos e vi aquele verdão quase entrando no meu nariz. Pulei na hora, nem sei como, e saí gritando pela rua “a grama é verde, a grama é verde!”.

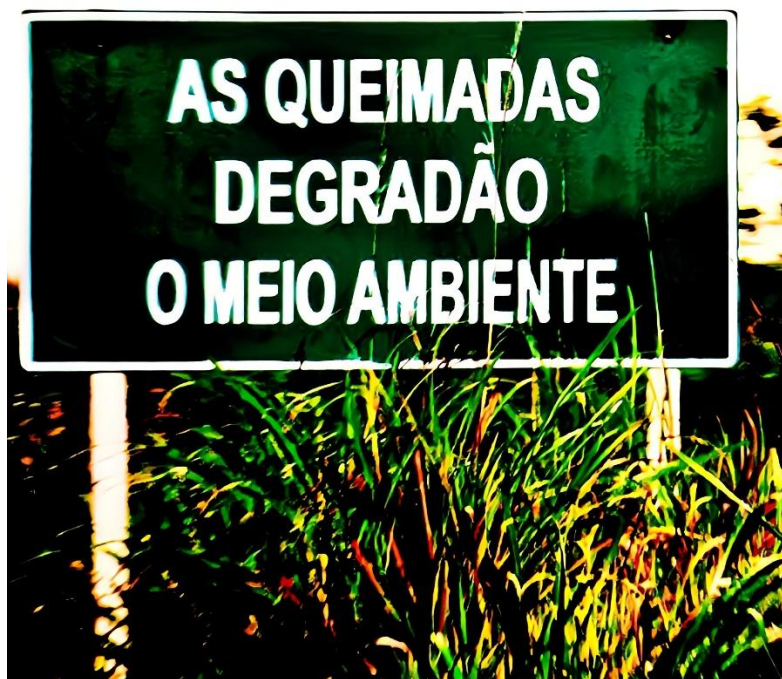
Depois desse dia, melhorei. Hoje estou feito qualquer pessoa normal, como de todas as árvores do jardim e só uso as ideias no tanto recomendado. Superação, cara!

Faço esse breve relato [EX-USUÁRIOS DE IDEIAS CONTAM HISTÓRIAS DE LUTA E SUPERAÇÃO PARA VENCER O VÍCIO. “— Eu sempre queria mais, era uma obsessão. Gastava toda verdade que tinha.” [*read full article here*](#)] para advertir as pessoas a fim de que não caiam nessa sintagma furada em que eu me meti. Lembrem-se, ideias viciam — **IDEIAS MATAM**



BEEEE

beethoven você ouve beethoven quer passar no cabelo pingar no olho maqui-
lar na frente do espelho tirar extrato mensal o beethoven escapa da coleira
você prende de novo enche o tanque do carro com beethoven ele briga você
faz macumba pra apaziguar paga a conta do beethoven vira avalista fiador
passa cheque em branco você quer fazer contrato ele não assina você não dá
preferência faz comida o beethoven mexe no tempero você deixa queimar pão
o beethoven na máquina de lavar pra tirar mancha você perdoa dívida faz
renegociação briga com o gerente o beethoven faz piada sem graça você ri
passa na pele como protetor quer calçar usar como cinto esconder debaixo do
chapéu o beethoven pesca e não devolve pro rio dá falso testemunho faz pare-
cer contrário você leva beethoven escondido pra dentro da cadeia usa como
aromatizante recarregador de pilha espanta mosquito põe crédito no celular
com o beethoven ele não consegue escutar você descabela quer passar cartão
arrumar entica pôr debaixo da porta o beethoven você apresenta pro pai colo-
ca de senha separa o beethoven recicla põe na compota mistura com pinga
passa na corrente da bicicleta marca a página do livro com o beethoven quer
empurrar o primo na piscina dar um cagaço regar um cacto comer uma grano-
la com beethoven você usa de fone de ouvido e só toca um lado quer compar-
tilhar o perfil tá trancado quer votar no beethoven fazer impeachment pedir
habeas corpus forrar o travesseiro pagar excesso de bagagem destilar o beetho-
ven expulsar da gangue acelerar as partículas nivelar a diferença retificar fazer
gol com a mão do beethoven rastelar chorar na festa importar da china estirar
o beijo cristalizar as frutas dourar no micro-ondas empanar o beethoven você
faz terapia de casal ele não muda espera a chuva passar posta e se arrepende
alivia um lado dá ruim vai longe demais o beethoven amarra o jegue não dá
um pio recebe um prêmio e não vai buscar estuda e depois esquece publica e
nem a mãe lê o beethoven você ouve e quer sair apostando entrar com um
processo colocar só uma gota de pimenta provar o sal o beethoven foge você
espalha aviso de recompensa ele aparece você não paga ele quer nem saber
pede adiantamento de herança manda benzer não põe açúcar faz sem anestesia
mesmo o beethoven coiseia você quer negociar ele renuncia ao mandato asso-
cia no clube busca o filho no colégio canta com quem será inventa que um
parente morreu pra não ir trabalhar o beethoven você ouve beethoven e ouve
ouve ouve beethoven você ouve



Era quinta-feira. O dia já bocejara quando Ricardo saiu do condomínio onde mora e dirigiu até seu local de trabalho, no Ministério da Educação Nacional em Brasil - DF.

Agora, em seu gabinete, o ar-condicionado canta naquela temperatura que tão bem lhe cai aos ouvidos.

Quando chegou a hora do almoço, afastou de si os relatórios que passara um tempo cozendo, riscou da frente dos olhos os gráficos em formato de pizza que a muito custo desenovelara — não sem alguma invenção — e foi ao *shopping center* almoçar.

Na soleira da tarde, releu um tratado sobre educação pós-moderna escrito por um autor belga. Depois, ao seguir para outra sala, participou de uma reunião com mais alguns Ricardos sobre a importância da homogeneização educacional.

Quase no fim do expediente, concluiu os últimos parágrafos que lhe cabiam do mais novo plano político nacional educativo genérico igualizador.

Partiu para casa. Mas não era tão viva a sua pressa: abicou no hipermercado comprar o que precisava para jantar com sua esposa Ricarda, uma ocasião destinada a comemorar o resultado daquele dia de serviço: o novíssimo PNE que irá determinar o que, quando e como as crianças de sul-noroeste a norte-sudeste — ondes Ricardo jamais colocará suas rodas — deverão estudar.

Em seguida, reprisaram uma série na TV, dormiram, e o mesmo dia de ontem, agora seguinte, recomeçou.



PEQUENO MANUAL PARA OUVIR MÚSICA

Em primeiro lugar, precisamos entender de que forma a música é percebida pelo nosso cérebro e como ela atua em nosso sistema anímico-nervoso.

A peça fundamental desse sistema é o neurônio, uma célula nervosa que possui um espacinho vazio localizado em seu coração. (O conjunto desses espacinhos compõe a parte vazia do cérebro.)

Quando a música alcança o coração dos neurônios, ele passa a se contrair e expandir repetidamente, bombeando nadas que se misturam às correntes elétricas do corpo celular.

Forma-se então uma ultramatéria, como alguns preferem denominar, que percorre todo o sistema circulatório, distribuindo nutrientes para o corpo e vaziezes para o espírito.

Não é preciso lembrar que o espírito se alimenta justamente de vácuos, que nele tornam-se buracos-contrários, onde os ocos se chocam, os espaços se desconformam e, por fim, as artes ressurgem.

Assim, como a música também alimenta o espírito, mas de nadas — ao contrário do corpo, que é tomado por vibrações nervosas, logo, materiais —, é precisamente a abstenção o que propicia uma melhor experiência auditiva.

Portanto, para ouvir música com o máximo proveito, proceda da seguinte maneira:

Eleve os pés do chão, recolha as pernas à barriga, junte os braços às pernas.

Desencoste-se. Desapoie-se. Não pise nem se firme em nada.

Não pisque. Melhor: não enxergue, muito menos de olhos abertos.

Não salive nem sue.

Mantenha o cabelo, os pelos, as unhas e os ossos do mesmo tamanho.

Caso haja necessidade, respire, mas somente com um pulmão.

É importante que o coração bombeie apenas sangue arterial, portanto, faça parar os átrios do lado direito.

Os ouvidos são uma exceção neste processo e devem ser otimizados para trabalharem 40% além de sua capacidade normal. Você consegue isso diminuindo a espessura do tímpano com os dedos.

Abanar as orelhas verticalmente também ajuda.

Se preferir, coloque uma brasa embaixo da língua. (A língua humana também é cheia de vazio, e o calor da brasa irá fomentar a produção de nadadas.)

Pense que seu cérebro está morto.

Ouça.



EXISTE ALGUÉM AÍ?

Inventaram que o tal de centro geodésico deste que é um dos maiores países do planeta fica bem ao lado de onde se vê, agora, uma bela casinha de papelão.

Sendo verdadeiro ou não, o fato é que construíram uma estátua para simbolizar isso, localizada no meio de uma das maiores praças do mundo.

O sol está a pino, e a referida casinha equilibra-se entre o mormaço e o calor insuportável.

Aproximando-se dela vem Eli, um rapaz cuja idade ainda lhe permite andar sob um clima tão abrasador sem tanto sofrimento.

Ele se dirige ao Palácio, assim como é chamado o centro executivo e administrativo da província, onde está o gabinete do governador.

Dezenas de outras pessoas trabalham no local, e Eli vai se encontrar com uma delas, sua namorada, cujo expediente está próximo do fim.

O Palácio fica ao lado da estátua e é por isso que ele não pôde deixar de prestar atenção naquela casinha, pois todos os dias vem se encontrar com Arza (este é o nome de sua namorada) e nunca a tinha visto antes.

Levantando a mão direita em forma de concha acima dos olhos para cobrir a claridade do sol, viu que a casinha se movimentava não a favor do vento, como faziam as folhagens das plantas ao redor, mas em sentido contrário, causando certa ferida na lógica.

Isso lhe provocou estranheza, mas nenhum medo. Afinal, concluiu instintivamente, sem formular nenhum pensamento, tudo era possível sob um calor daqueles, principalmente ilusões de ótica.

Mesmo assim, diminuiu o ritmo dos seus passos ao decidir se aproximar, o que tornou possível perceber que de dentro da pequena casa vinha um som parecido com uma voz humana e, à medida que chegava mais perto, tornou-se inteligível a frase “eu confesso”, dita repetidas vezes.

Os ombros de Eli se arquearam como que atravessados por uma sensação de ainda mais calor, não lhe impedindo, contudo, de aproximar-se de vez para conferir do que se tratava.

Ali estava um velho de cócoras, o cabelo muito preto e bem penteado, de barba rala, que não parava de falar, com o rosto quase encostado na parede da frente da casinha, “eu confesso”, “eu confesso”, e assim que ergueu a cabeça e viu o rapaz, passou a dizer “eu existo”, “eu existo”.

Eli deu um passo para trás temendo outra reação do velho. O monólogo continuava.

— O que está fazendo aí? Precisa de ajuda? — perguntou, mas não obteve resposta.

Olhou para os lados para ver se não havia mais ninguém passando. Poderia ser que, explicando a situação a alguém, encontrariam uma forma de ajudar o velho senhor, mas a praça estava deserta àquela hora.

Por fim deduziu que, devido ao aspecto do homem, pelo qual parecia estar mais bem de saúde do que mal, e cujos olhos rebrilhavam num estado de firmeza, poderia deixá-lo por uns instantes e procurar auxílio dentro do palácio.

Deu as costas e começou a se afastar, mas o velho se ergueu e gritou: — Eu confesso, estou falando que confesso!

Eli teve um sobressalto e, após um engasgo involuntário provocado pelo pequeno susto, perguntou: — Confessa o quê, meu senhor?

— Confesso que existo, ora!

— Estou vendo isso. Mas quem é o senhor? — indagou sem qualquer curiosidade, já considerando se tratar de um louco.

— Eu sou Deus. Estou confessando que existo.

Diante dessa afirmação, os lábios de Eli deixaram escapar um leve sorriso, causado pela confirmação do que pensara um pouco antes: ele era um louco, sem dúvida.

— Espere um momento que eu já venho lhe ajudar — disse ao velho, enquanto andava apressado em direção ao edifício.

Algum tempo depois, retornou na companhia de Arza e de outro homem vestido de uniforme, um dos seguranças do palácio.

Enquanto se aproximavam e a voz do velho se tornava mais audível, Eli foi se adiantando, e os demais, ainda desconfiados, passaram a caminhar mais devagar.

Quando enfim chegaram, o segurança disse quase imediatamente: — Trata-se de um louco. Não temos que perder tempo com ele. Liguei para a guarda civil e eles que o levem daqui.

Os namorados se entreolharam e cada um parecia ver no olhar do outro a mesma sentença: não poderiam mesmo ajudar o velho, ele era incommunicável e seria melhor conduzi-lo a um abrigo onde seria mais bem cuidado.

Assim refletiam sem se falar enquanto o segurança terminava a ligação. — Logo estarão aqui — ele disse.

Arza fitava o homem com certa pena, mas à medida que foi se tornando mais íntima àquela visão, começou a brotar nela uma sensação de carinho, que depois passou à mais pura fraternidade, e, por fim, ao amor de uma filha pelo pai, ou melhor, ao de uma mãe por um filho.

Seus olhos marejaram de lágrimas e, envolta nesse cacho de sentimentos, nem percebeu que os oficiais da guarda estavam já às suas costas.

Estes cumprimentaram as três pessoas ali em pé, mas não fizeram o mesmo com o velho senhor. De um salto, achegaram-se junto à casinha de papelão, seguraram cada qual um braço do homem e o levantaram.

O velho se acomodou entre aquele abraço duplo, continuou falando que “confessava” e que “existia”, mas agora para um e outro guarda, respectivamente, e apenas se deixou levar.

Enquanto o conduziam, os oficiais lhe faziam perguntas sobre quem ele era, de onde vinha, o que fazia ali, mas também não obtiveram resposta.

Mesmo assim, informaram-lhe que o estavam levando ao Abrigo Governamental de Inválidos (AGI).

Aí o segurança já retornara ao palácio e o casal de namorados ficou a sós.

E da mesma forma que estavam, completamente mudos, seguiram caminhando lado a lado, alcançaram o final da praça, atravessaram a rua que a contornava, percorreram cerca de duzentos metros até a joalheria mais próxima, compraram duas alianças com o cartão de crédito e dali a uma semana estariam morando juntos e casados.

O AGI era um misto de manicômio, asilo e abrigo. Ocupava todo um quarteirão, portanto, era imenso. Possuía um quintal comum, rodeado pelas dependências administrativas e os quartos, onde se podia circular.

Era permitida a entrada e a saída de muitos abrigados livremente, aqueles que não eram realmente incapacitados para o trabalho, apenas se encontravam em uma situação de penúria.

A maioria dos ingressos, no entanto, permanecia o tempo todo dentro dos muros e sua saída era permitida apenas mediante autorização do diretor.

O homem que agora chegava ao abrigo não aparentava ser violento, mas também não dava mostras de ser lúcido o suficiente para que pudesse sair e entrar do prédio ao seu bel-prazer.

E, por não responder a nada que lhe perguntavam, principalmente qual seu nome, acabou sendo apelidado de Deus mesmo, e assim o registraram no volumoso Livro dos Ingressos.

Logo que foi recebido pelos funcionários do abrigo, os guardas que o conduziram se retiraram e o velho passou aos cuidados de Erã, o encarregado de ambientar, como diziam, os recém-chegados.

Já que ainda era dia, permaneceu um bom tempo no quintal comum, onde pôde caminhar e conhecer o ambiente, com Erã ao seu lado. Somente depois foi ao quarto em que iria passar a noite.

Tratava-se de um lugar espaçoso, com várias camas lado a lado. No canto, havia uma escrivaninha e uma cadeira para o vigia responsável por fiscalizar os abrigados.

Escurecia e a ordem era dormir cedo. Após a janta servida no refeitório, os internos foram conduzidos aos seus respectivos quartos, onde deveriam permanecer até o amanhecer.

Embora continuasse a repetir seu bordão, mas agora somente à meia voz, como que para si mesmo, Deus não criou problemas, não importunou nenhum colega e acatou todas as ordens que lhe foram dadas.

Na cama ao lado estava um senhor cujo nome era Nôe.

Assim que todos se acomodaram em seus lugares, Nôe dirigiu uns passos ao velho a fim de chamar sua atenção e falou:

— Fiquei sabendo que o senhor é Deus.

Sem mover a cabeça, ele respondeu: — Confesso.

— Acredito.

— Existo.

— Estou vendo que você existe mesmo, quer dizer, não lhe mordi para provar, já que é mordendo que se prova a existência das coisas, mas você cheira, e cheirar já é um indício. Digamos assim, ainda não sei de verdade se você existe, mas existindo ou não, acredito que você é mesmo Deus.

— Eu confesso que existo.

— Mas me diga uma coisa, então, Deus. Por que o filhote de capivara pia?

O velho homem, ao ouvir isso, teve um tremor abaixo dos olhos, os lábios morderam os seus dentes e, surpreso com a pergunta, pareceu ter sido atingido por um raio de lucidez, ou parou de fingir loucura. Virou seu corpo para o lado de Nôe, apoiou a cabeça com o braço esquerdo, e disse:

— Mas capivaras não existem!

— Não ainda, respondeu seu vizinho.

— Humm, o senhor parece meio louco da cabeça.

— Olha, deixa pra lá. Mas agora me responda de verdade. Como é que a Manhã-Cedo — essa deusa descoberta — tem coragem de aparecer assim todos os dias como se nada demais estivesse acontecendo e, varrendo por dentro o coração da gente, abrindo as janelas dos nossos cérebros, feito mãe cansada de ver o filho dormir, depositar em nossas mãos um pedacinho de vida para que cuidemos e tratemos, e se não for pedir muito, que amemos de toda nossa vontade?

— Essa é fácil, passei uma procuração.

— Passou uma procuração?

— Sim, com todos os poderes para realizar o negócio. Por isso ela tem esse rompante todo. Faz um bom serviço né?

— Se faz. Às vezes deixa a gente louco.

— Ha-ha-ha.

— Mas eu não sou louco.

— Nem eu.

— Claro que não, você é Deus. Sua única fraqueza é não conseguir ser normal, o que é diferente de ser louco.

— Você é um homem sábio, Nôe. Ainda seremos grandes amigos.

— Acredito. Boa noite.

— Boa noite — respondeu o velho senhor, retornando à posição anterior, para dormir.

A Manhã-Cedo chegou um pouquinho antes do horário desta vez. Entrou no quarto onde estava Deus, beijou-lhe o rosto não para lhe desejar bom dia, mas sim para se despedir. Ela entraria de férias por um tempo, assim como haviam combinado. Este seria o seu último turno por enquanto.

E desse jeito começou o dia mais estranho deste mundo, com um berro de pavor do vigia, ainda sentado à escrivaninha, o qual, à medida que foi se levantando, passou a zurrar, depois relinchar, então a cacarejar, e assim que se pôs a correr saiu latindo quarto afora em direção à portaria.

Quando encontrou um guarda, o vigia soltou de uma só vez toda sua aflição: — Ele está andando pelos cabelos — disse, assombrado.

— Como assim, andando pelos cabelos, ha-ha-ha, o que você quer dizer com isso? — respondeu, gracejando, o guarda.

— O velho, o homem que entrou aqui ontem, aquele que diz que é Deus. Está, está de ponta cabeça. Os cabelos estão no chão, parecem um monte de perninhas, tipo uma dessas lagartas por aí — disse, entre soluços.

O relato era inacreditável e o guarda não demonstrou intenção de auxiliar o vigia. Na verdade, pensava que este, por andar tanto tempo entre os internos, acabara perdendo a razão.

Mas não pôde continuar suas elucubrações, pois foi agarrado pelo braço e arrastado até o quarto onde estava o velho.

Quando chegaram à porta, o vigia se escondeu atrás do guarda e o empurrou para que entrasse.

Nesse instante, viu que o relato era verdadeiro. O homem estava de ponta cabeça, parecia flutuar, mas na verdade seus cabelos tocavam no chão e sustinham seu corpo — como Nôe havia dito, a única fraqueza de Deus é não conseguir ser normal.

O que aconteceu então foi extremamente rápido.

Impossível saber se pelo grande susto, se pelo seu ótimo treinamento, se por um grito do instinto, o fato é que o guarda sacou imediatamente o revólver de sua cintura e atirou na cabeça do velho de forma tão precisa que, acertando-a em cheio, causou-lhe a morte instantaneamente.

No momento exato em que ele morreu, as bordas do universo começaram a se contrair (o tamanho do universo, como todos sabem, é infinito menos zero vírgula um).

As galáxias, os buracos negros, a poeira cósmica, os números, as letras, tudo foi se misturando e sendo arrastado em direção ao centro, que era justamente onde jazia o corpo do velho.

Toda a matéria do universo se concentrou em um único ponto até alcançar um tamanho 58^{23} milhões de vezes menor que o *quark*, aquele bichinho que tem dentro do átomo, e após isso, começou a se expandir.

Mas o tempo decorrido entre o começo da contração do universo até o início da expansão foi de apenas zero vírgula daí vem novecentos bilhões de zeros e só depois o número três segundos — um período tão pequeno que é impossível a qualquer ser vivo físico, de qualquer era, vislumbrá-lo.

A partir daí, como dito, começou uma expansão que se estendeu por um tempo tão longo, mas tão longo, que é impossível a qualquer ser vivo físico etc.

Desde então, a energia e a matéria foram se juntando e formando novas galáxias, novos sistemas solares, novos planetas. E em alguns destes planetas surgiram até mesmo seres vivos, como neste aqui.

Tudo começou por umas coisiquinhas que se tornaram tipo umas amebinhas. Depois essas amebinhas foram criando bracinhos; os bracinhos, mãozinhas; as mãozinhas, unhinhas.

Elas saíram da água, depois voltaram para a água, saíram de novo e ficaram assim, saindo e voltando. Aprenderam a crescer, a andar, a voar. Tornaram-se peixes, dinossauros, macacos, seres humanos.

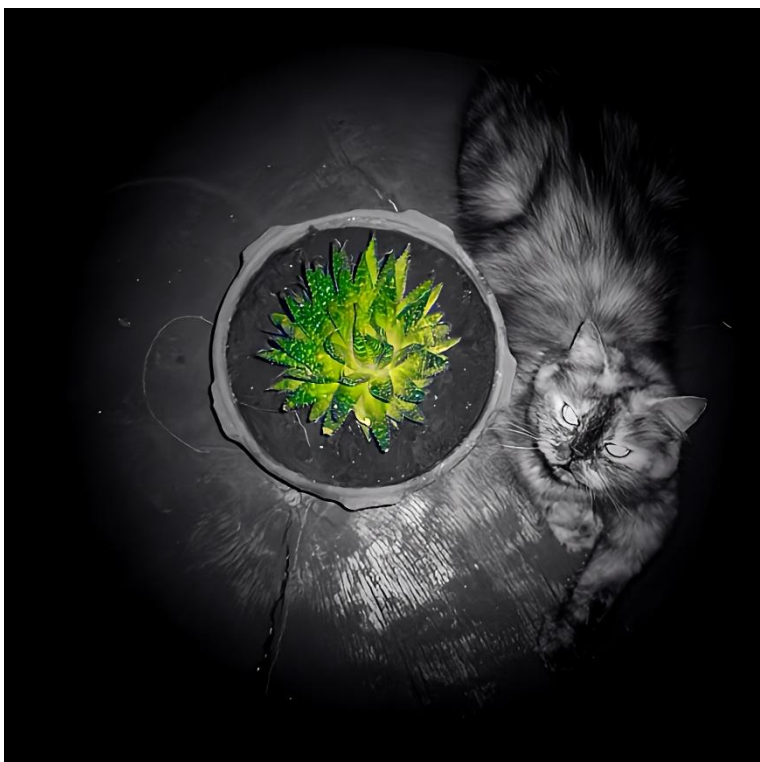
Apareceu o Noé na história. Morreu o Noé. Nasceu outro Jesus. Mataram de novo o Jesus.

Foi juntando gente. Começaram a viajar para todos os lugares. Formaram grupos, tribos, cidades.

Vieram vindo, vieram vindo, e cá estão, dia 21 de abril de 2019, em Palmas, capital do Estado do Tocantins, Brasil, que é um dos maiores países do planeta.

Fizeram nesta cidade uma praça enorme chamada Praça dos Girassóis e inventaram nela um tal de centro geodésico. Sendo verdadeiro ou não, fato é que construíram um monumento para simbolizar isso, ao lado do “Palácio Araguaia”.

Estou aqui dentro da minha nova casinha de papelão, olhando para o céu e pensando. O calor é insuportável. Ninguém dá conta. Acho que vou explodir essa porcaria de novo.



O gato é uma planta que anda.



PREFEITURA MUNICIPAL DE PALMAS – ESTADO DO TOCANTINS

CONCURSO PÚBLICO PARA PROVIMENTO DE VAGAS E FORMAÇÃO DE CADASTRO DE RESERVA PARA O CARGO DE PALMENSE TOCANTINENSE BRASILIENSE

NÍVEL FUNDAMENTAL INCOMPLETO, MÉDIO, SUPERIOR E SEM NÍVEL

EDITAL Nº 020190

ANEXO I – CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

GRUPO I – HISTÓRIA

1. Infra-descobrimento: elementos atômicos pré-tocantinos; 1.1. Criacionismo e teoria do Goiás Bang; 2. Fluxograma, vetores e matrizes de inscrições rupestres; 2.1. A gramática ortogonal da Serra do Lajeado; 2.2. Processo de recombinação de pinturas indígenas fora do plexo policromial; 3. A luz mágica dos sítios arqueológicos; 3.1. O sagrado materializante e os espíritos rochosos; 4. Índios d'outros sistemas solares: Akroás, Jês e Etecêteras; 4.1. O princípio da relatividade geral Tupi; 5. Colonização: as Bandeiras – Encontros vocálicos e consonantais; 5.1. Bartolomeu Bueno da Silva Filho, o Anhanguera – Estudos sobre a existência do tempo; 5.2. Minas de ouro, pedras preciosas e desinências verbais; 5.3. Exploração de ouro no vento; 5.4. Povoamento e expansão de células-tronco no século XVII; 5.5. Navegação da tabela periódica – Rios To e Ar; 6. Temperatura da linha de Tordesilhas: conversão em kelvin, pequis e anos-luz; 7. Movimentos separatistas – Favas e Bolotas; 7.1. Província da Palma – O manifesto da pedra canga; 8. São João da Palma: saco vitelino paranã; 9. Exploração de minérios: protocolos chambarísticos do quinto/captação; 9.1. Uso da bateia desoxirribonucleica; 9.2. Fase aurífera e a derivação parassintética; 9.3. A cidade de Arraias e o ouro cor-de-ferroada; 10. O sistema da comarca de São João das Duas Barras no número de Avogadro; 11. Cálculo trigonométrico da charqueada; 12. Povoado do Canela – Álbum de capital; 13. As primeiras minerações de jalapas; 14. Desenvolvimento da agropecuária: domesticação de amores-perfeitos; 15. O Palacinho em Miracema do Norte – Relação com a onça-

pintada de Schrödinger; 16. Igrejas de Nossa Senhora: das Mercês, do Rosário dos Pretos e do Valha-me Deus!; 17. História de Porto Real, quer dizer, Imperial, quer dizer, Espacial; 17.1. Becos analíticos e casarões sintéticos; 17.2. O Cabaçaco da rua Caetanato e seus contrários; 18. Emancipação do Estado do Tocantins – Caçulismo e cintadas; 18.1. Legislação pertinente – Decretos da carochinha, ADCT em HTML e Constituição Federal Kids; 18.2. Políticos no País das Maravilhas; 19. Fundação de Palmas – Arquitetura envolvente; 19.1. A primeira missa *on-line*; 19.2. A Pedra Fundamental Do-Que-Mesmo?; 19.3. Nascida velha – Energia de ativação das reações químicas; 20. Contemporaneidades governamentais; 20.1. Compartibilização de servidores públicos; 20.2. Funcionários alucinógenos: se pensa que estão; 20.3. Niilismo grupal em serviço; 20.4. Aspectos de fruição de dinheiro público; 20.5. Teorias de encarteiramento do alheio; 20.6. Promiscuidades executivas e cajuísticas; 20.7. Palição de obras públicas; 20.8. Requintes de esfoliações legislativas; 20.9. Honestismos, dignismos, eficientismos.

GRUPO II – URBANÍSTICA

1. Praça dos Virassóis; 1.1. Raposas de algodão-doce azul; 1.2. Besouros e movimentos circulares em ladrilhos; 1.3. Diálogos estátuas/transeuntes; 2. Árvores nativas – Graus de estonteamento; 2.1. Espíritos científicos nos estomas; 2.2. Destinação dos frutos abstratos; 3. Árvores implantadas – Maneiras de satisfação do público; 3.1. Refluxo de insetos magnéticos; 3.2. Enxertos neurais de mudas; 4. Trilhas ventriculares; 5. Ornamentos hormonais; 6. Monumentos – Reflexos solares e sombreamentos ao pôr-do-sol; 6.1. Ângulos sonoros; 6.2. Estrutura dos materiais intransitivos; 6.3. Acabamentos indicativos e materiais subjuntivos; 7. Trânsito – Oscilação vertical das rotatórias; 7.1. Análise e projetos de sistemas de transgressão das rotatórias; 7.2. O álcool como fator de descirculabilidade; 7.3. Maleabilidade dos canteiros; 7.4. Semáforos holográficos; 7.5. Gerenciamento de acidentes de trânsito mononeurais; 7.6. Fluxo de canindés nos horários de pico; 7.7. Ultrapassibilidade anímica de semáforos; 7.8. Rodoviária e o itinerário intergaláctico entre estações; 7.9. Quadras sem saída, quadras esquecidas, quadras espiraladas; 7.10. Retas labirínticas; 8. Extrativismo asfáltico; 9. Piscicultura em lotes vagos; 10. Cartografia lunar aplicada às quadras residenciais; 11. Trajeto osciloscópico entre os centros distritais; 12. Planejamento estratégico de engarrafamentos edilícios; 13. Avenida JK – Retrovendação de estacionamento; 13.1. Trânsito auricular de pedestres; 13.2. *JavaScript* dos pontos de ôni-

bus; 14. Avenida Theotônio Segurado – Canteiros celestes; 14.1. Estruturas das faixas de rolamento eletromagnéticas; 14.2. Prevenção de choques imobiliários; 15. Aplicação sobremarina da chuva; 16. O pluviômetro infindo; 17. Ponte da Amizade – Cátions-ânions: tus e vós; 18. Ferrovia Norte-Sul: reações de ustulação ferro\$-madeira\$; 19. Desvio de septo da BR-153; 20. Feiras capitais – Aplicativos de Ohm; 20.1. Feira do bosque – Decreto nº domingo: estrutura e formação de passeios; 20.2. Feira da 304 Sul – Sinestesia do epitélio olfativo: frutas granívoras, verduras cinéticas/potenciais; 20.3. Controle adnominal de estandes; 20.4. Chambaris chafarizes; 20.5. Conservas – Desafios e tendências (moda eletromotriz); 21. Casa Saçuapara – Exposições históricas e a composição de velocidades; 22. Álgebra aplicada ao Monumento Dezoito do Forte; 23. Técnicas biomoleculares avançadas de Aeroporto; 24. O museu histórico do Palacinho: pró-clises, me-sócli-ses e ênclises; 25. Memorial Coluna Prestes: comensalismo, parasitismo, predatismo; 26. Palácio Araguaia – Ligações políticas iônica e covalente: o Consegu-se e o Se-ajeita; 26.1. A coesão partidária sequencial *stricto sensu*.

GRUPO III – MEIO AMBIENTE

1. Cachoeiras de Taquaruçu – Vazão e volume de esquecimentos da cidade; 1.1. Densidade de afetação do contentamento; 1.2. Extensão holográfica das trilhas; 1.3. Possibilidades de inversão do fluxo da água; 1.4. Sabor das nascentes; 1.5. Erosão das pedras e arbustos defectivos; 1.6. Cachoeira do Roncador: a Instrução Normativa nº 0+##"/199% – Do silêncio polissêmico; 1.7. Aldeídos/Cetonas/Sambaifbas; 1.8. Fazenda Encantada – Manejo de cachoeiras (criação, engorda, abate); 1.9. *Evilson's Waterfall* – Onomatopeias vegetais e o estrangeirismo; 1.10. Mecanismos alevantatórios na Cachoeira Escorrega-Macaco; 1.11. Movimento retilíneo uniforme no Vale do Vai-Quem-Quer; 2. O método equiparativo de lençóis freáticos; 3. Mato ciliar – Ovulação e crescimento; 3.1. Equações relativas à movimentação pelo vento; 3.2. Retenção e filtração das gotículas de água; 3.3. Inversão de raízes; 4. Emprego do tempo verbal Pedra-do-Pedro-Paulo-Pretérito-Presente; 5. Serra do Carmo – Aclives, declives e simplesmente clives; 5.1. Capacidades de voos largos e aterrissagens compridas; 5.2. Força motriz das escarpas; 5.3. Sintomas de embelezamento dos cumes; 5.4. Sustentabilidade autonômica dos mirantes; 5.5. Noções básicas de aplicação de rastelo nas encostas; 5.6. Queimadas naturais da vegetação aérea; 5.7. Perfil antropológico dos pequizeiros e buri-tis; 5.8. Rochas em formas de *cuestas* e seu paladar geométrico; 6. Acepções

de Limpão; 7. Morro do chapéu-mamão; 8. Amenidades climáticas artificiais; 9. Araras eletromecânicas – Migração ao espectro solar; 9.1. Grasnados polifônicos e cromáticos; 10. Calor – Capacidades intrínsecas à sobrevivência de calangos; 10.1. Isolamento térmico – Reflexão, refração e difração; 11. Praias – Equitação aquática; 11.1. Gestão de *piers* e quiosques; 11.2. O conceito de orla intravenosa; 11.3. Interpretação de algas; 11.4. Relações de incoerência das marés; 11.5. Sistemas reformulatórios de pescados; 11.6. Políticas de contenção de piranhas voadoras; 11.7. Psicodinâmica da colocação de areia; 12. Ilha do Canela: pleonasmos ilhoso e lagooso; 13. Praia dos Buritis e os descentros urbanos; 14. Praia das Arnos: camadas de valência solar; 15. Praia do Prata: a quiosqueologia, desafios e tendências; 15.1. Regência nominal de choupanas; 15.2. Comidas típicas: oxidação e redução; 16. Graciosa: alimentação de flutuantes; 16.1. Entranhas saltitantes dos estacionamento; 16.2. Taxa metabólica de barracas; 16.3. Nascer-do-sol amniótico; 16.4. Marina: atracadouro e microvilosidades; 17. Lago da Usina – Os quatro números quânticos: desrebeirados, aquaflorestados, desalagados e indenizados; 18. Jalapão – Areias endoplasmáticas; 18.1. Aplicação da primeira lei da termodinâmica em fervedouros; 18.2. Modelo corpuscular das cachoeiras; 19. Ilha do Bananal: nanicos, pratos e maçânicos; 20. Parque Estadual do Cantão e os ecossistemas tributários; 21. Parque Estadual do Lajeado – De usinas hidrelétricas à aviãozinhos de papel; 22. Arquipelago do Toda-Hora-Tropeço: crase e vírgula.

GRUPO IV – CULTURA:

1. Artesanato de línguas mortas em capim dourado; 2. Propriedades místicas dos bonecos de Taquaruçu; 3. Ceramistas da Feira do Livro; 4. Operações sinestésicas em feiras culinárias; 5. Técnicas observacionais de trabalhos na Feira do Bosque; 5.1. A Feira do Bosque e o comércio de figuras de pensamentos; 6. Casa do Artesão: criação de anacolutos e anáforas bifformes; 7. Quadrilhas juninas: colisões elásticas e inelásticas; 8. Espaço Cultural José Gomes Sobrinho: propriedades internucleares do agente da passiva; 9. Elementos organógenos do Parque Cesamar; 10. Canto coordenado das Artes sindéticas alternativas; 11. A jiquitaia côncava e a súcia convexa; 12. Bonecas ritxokô 2.0 – Na nuvem; 13. Folia do Carmo no Divino Monte; 14. Taguatunga – Cavalhadas e a terceira lei de Newton; 15. Romarias e folias estelares; 16. Congadas, roques e tendencies; 17. Artesanato de lã de babaçu e gritos de buriti.

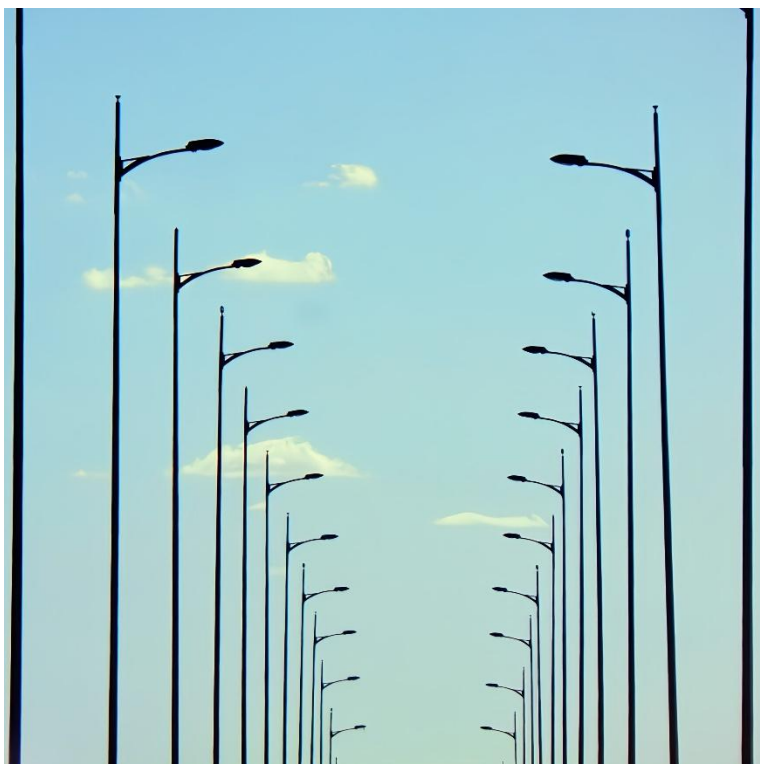
II – ÇA



OM

Fiz poesia de tudo,
Do olhar aluado de um navio no hospício,
Da nuvem que voava por baixo da sola do sapato,
Da placa de sinalização que indicava um churrasco de pálpebra.
Fiz poesia de um guardanapo desfolhado,
Da poeira que alimenta os olhos,
De um grampeador de asfalto,
De um arquivo de ares-condicionados.
Fiz poesia de um murro,
De marca-texto para uma piscina,
Da porta giratória no banheiro do quarto.
Fiz poesia da inflação dormindo num preço,
Do tempo que leva a árvore para virar cimento.
Fiz poesia com um gato dentro do ouvido,
Escutando roncar o estômago de um mosquito.
Fiz poesia de uma sobancelha de lombriga,
De uma hóstia de fandangos esquecida.
Fiz poesia do pé de mandioca que vira cotonete à lua cheia,
De uma minhoca que canta,
Do chapéu usado como roupa de cama.
Fiz poesia das entradas de emergência,
Das rapidezzes burocráticas,
Do suco de uma válvula ensimesmada,
De uma curva que nunca acabava.
Fiz poesia do cansaço e da ressaca,
Dos impropérios e das trapaças.
Fiz poesia de poemas coalhados,
Da coragem desnatada,
E de uma visita que mora na minha casa.

Que fiz, fizeti,
Mas já esqueci onde larguei.



MOSCAS VOLANTES

Se a Poesia precisa de liberdade,
Colocá-la-emos de castigo no canto da sala de aula.

Se a Poesia quer paz,
Entregar-lhe-emos a mãe morta dentro de um copo d'água.

Se a Poesia quer carinho,
Daremos com uma pá de gelo inflamada nas costas.

Se a Poesia carece matar a fome,
Cozinhemos um maço de cigarros,
Fotossintetizemos uma torta de sandálias.

Se o que a Poesia quer é reconhecimento,
Do concurso de poesia vamos eliminá-la.

Se a Poesia quer se expressar,
Aqui está um expectorante branco para se limpar.

Se a Poesia precisa de uma forma,
Vesti-la-emos com um espírito líquido
E uma alma de gel na língua da bota.

E se a Poesia precisa de educação,
Sairemos feito loucos gritando isso e mais um pouco: #%=*§&@!



SAROBA

O joelho do caju
A língua do murici
O músculo do baru
As tripas do buriti

O bucho da gabirola
A banha do jatobá
O miolo da gueroba
O rim do taperebá

O sebo do bacuri
A moela da cagaita
O mocotó do pequi
A sambiquira da jaca

A bexiga do licuri
Os pés da pixiriquinha
O fígado do cajuí
Os cascos da sapotinha

De couro de ciriguela
À manga cheia de artéria
O homem não passa fome
Do cerrado tudo come



VERDE-LOURO

Oh Templo Magnífico da Desavergonhada Prática Roubalhista!

Oh Ministério Supremo da Grandiosa Arrecadação Fazendária!

Oh Santo Conselho Legislativo Monte de Leis-Pra-Nada!

Oh Afável Congregação da Alta Incidência Tributária!

Oh Venerável Assembleia do Ócio Remunerado!

Oh Augusto Concílio dos Favores Interessados!

Oh Tribunal Majestoso das Causas Insignificáveis!

Oh Parlamento Benemérito do Bolso dos Deputados!

Oh Palácio Pungente do Administrador da Rapinagem!

Oh Governo Virtuoso do Inútil e do Desperdiçado!

Oh Fórum Complacente da Injusta Malandragem!

Ah Harmoniosa Nação dos Cadarços Desamarrados!



UMA EXCLAMAÇÃO

P e r s e v e r a n ç a

P e r s e v e r a n ç

P e r s e v e r a n

P e r s e v e r a

P e r s e v e r

P e r s e v e

P e r s e v

P e r s e

P e r s

P e r

P e

P

QP!



ddd

Havia:

¹ Três caminhos
— Inteirou pelo meio

² Dois caminhos
— Elegu o pior

³ Um caminho
— Rimou pra trás

Hoje é:

³ Poeta
² Político
¹ Professor



SUCUPIRA BLUES

Amor,
já falei que tu é muito mais bonita que um pé de sucupira!
Pensar em ti é bom igual capação de touro no curral,
donzela minha!

Já te disse, nega,
tu arde em meu coração igual um picolé de buriti.
Enlouquecido, saio na carreira e chego em Gurupi.

Linda,
tu é mais roível que castanha de caju.
Amo acarcar na malagueta
pra então comer teu
arroz com pequi.

É,
tu me dá mais sustança
que um chambari de Taquaralto.
Teu beijo é gostoso feito um tucunaré assado.

Tu me aperreia tanto que me perdi ali
naquele queijinho de Palmas
e fui desembestar em Taquari.

Gata,
te gosto mais que comer manguão na padaria das Arnos.
Vou colocar teu nome em riba do de Aurený!

Sim, galega,
tu é mais cheirosa que buchada de bode na 304 sul.
Mas chega de conversa
e bora banhar na cachoeira em Taquaruçu!



É ISTO UM HAIKAI?

O sol pastava
enquanto o gado
à sombra descansava



NAS LASCAS DESTE RINCÃO E INADIMPLEMENTEMENTE AO
BOLETO IMPAGÁVEL QUE NOS MANDA O UNIVERSO VEZ EM
SEMPRES NO DIA ZERO DE CADA MÊS ESTE SE CLASSIFICA
COMO O MENOR POEMA DO MUNDO ESCRITO EM LÍNGUA
PORTUGUESA NO BRASIL ONDE JUDAS ENFIM ENCONTROU-
SE COM UM ESPELHO HAVENDO APENAS A RESSALVA DE
QUE JÁ EXISTE UMA MÚSICA CRIADA COM O MESMO NOME
POR UM COMPOSITOR DE NACIONALIDADE AQUI DESSA VE-
RA CRUZ NASCILDO E QUE TOCAVA ANTES DE MORRER O
QUE SE CONVENCIONOU CHAMAR MPB OU ENTÃO SÓ MÚSI-
CA NORMAL MESMO COMO ESSAS QUE A GENTE OUVI NO
DIAR DOS DIAS MAS PARTICULARMENTE MUITO BOA E BEM
FLORÍVEL CUJA DISTINÇÃO SE DÁ ABESTADAMENTE NO FA-
TO DE QUE NAQUELA TRATA-SE APENAS DO TÍTULO DA
OBRA E NESTE DA INTEIREZA MAIS-QUE-PERFEITA DO POE-
MA EM SI, COM UM PONTO

É.



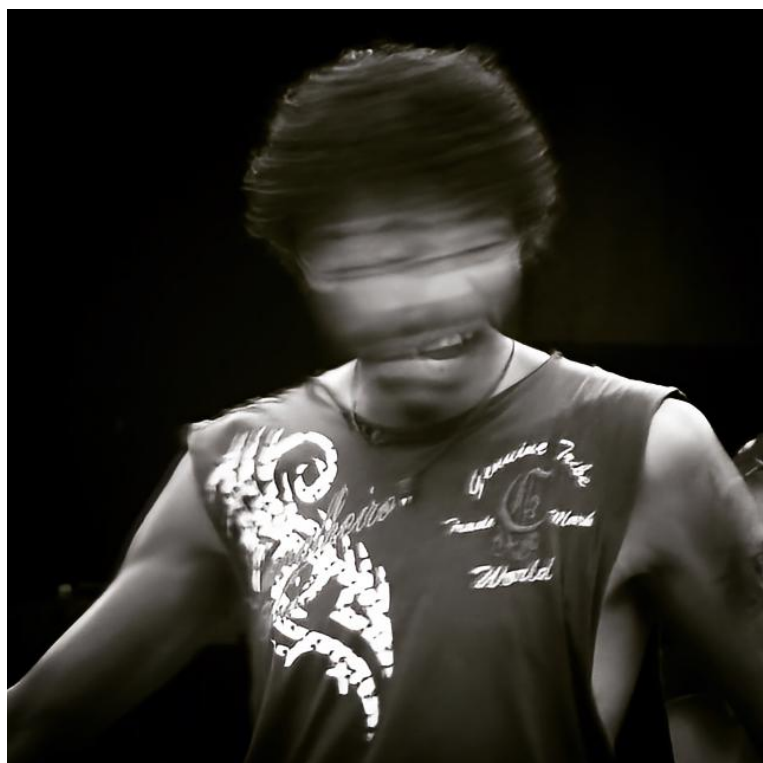
NOVELA DAS OITO

Estricnina,
Uma dose de ferro nas ventas
— Verrumam o cérebro até chegar ao pensamento.
Prurido de frutas verdes,
Aromas de chás vermelhos,
Homens vendendo nas bancas
— Tiro nas têmeoras.
Cicuta mirada de revesgueio.
A ruiva de foice sem fio já esticando as ancas.

— Qual seria mais preciso: o gás da cozinha,
vinte comprimidos transparentes?
(Ele está pensando.)

— O que seria melhor? Um choque elétrico, enforcamento?
(Ele está se vendo.)
— Um tiro? Não... Fumaça? Não... A queda? Não...
Hmmm... E se [INTERROMPE]

— Carlos Augusto, meu amorzinho, com qual dessas fico melhor pra ir à festa?



JOVEM WERTHER INGERINDO COMPRIMIDOS DE MADRU- GADA E PENSANDO NO SEU VIGÁRIO SOFRIMENTO ANTES DE VER TELEVISÃO

Tu ficaste sozinho, Desespero.
Não tens tua mão para ajudar, Esperança.
A noite aproximou-se mais e mais do teu coração,
O risinho de criança está abafado, Desalento.
Estás tomado de um gosto amargo,
Deitado frio em tua cama, Solidão.

Tornaste-te um alvo grande e nítido, Desespero.
Vencido dentro do teu próprio corpo, Esperança.
O dia é mais uma obrigação de vida.
Estão empedradas as tuas cores de infância, Desalento.
Teu rastro imenso de destruição e perda.
Traíste-te sem auxílio de ninguém, Tristeza.

Caído em voos aos próprios pés, Desespero.
Insurgiste-te na única chance e erraste, Esperança.
As noites apenas remendam a tua fantasia suja.
Resistes sem nenhuma história, Desalento.
Preenchido de uma falta grande e muda,
Não és parte do que te sobrou, Desespero.

Desespero.



PATHOS POÊMICO

Arde a dor anestesiada.
Palavras apalpam a boca.
Pernas coiceiam a si mesmas.
As mãos fritam-se uma à outra.

Risada ingraça feito matar sede
na própria saliva
(água-de-si)
dia todo engolida.

O ar respirado ontem é o futuro.
Energia fruída
que permite apenas
mais um dia de cama.

Os olhos se cozem,
vermelhos ambos,
e um precipício
linda a alma do homem.

— Essa convulsão nada mais é que poesia.

Se não frêmito no osso,
na cabeça, riso oco.

Ser doente e evitar descanso.
Estar louco e ser solto na rua.
Ser triste e ter uma navalha.

Jaz o homem ao chão,
mas brande sua caneta em birra.
Tudo para assinar que está concorde
com o termo da sua pena de morte.

No seu peito ocorreu ontem
uma chacina de bárbaros
por criminosos que nunca serão encontrados.

Em meio aos pensamentos
— à mão que escande versos —,
um homicida está livre
e não se sabe onde procurá-lo:

se entre os rins,
se atrás das palavras,
se dentro da própria casa.

— A poesia chega às carradas para ser desovada.

Fora exilado e não soube de onde.
Fora deserddado, mas do que, não soube.

Removido em estado de coma.
Ali está seu corpo,
mas você não se encontra.

Enquanto definha elétrico,
— branco,
em sono de choque,
— poeta,

as crianças trabalham;
os assassinos constroem;
os anjos roubam;

o poema mata.



EXPIATORIO

Me llevo en mi alma y cuerpo
pero no sé dónde me encuentro.

¡Mis pensamientos, mis pensamientos,
todos glaseados en el néctar del ojo!

Así, como un fuego negro
que al sol se arrastra
a roer una noche clara.

De modo que abotono mi pensamiento
pero mi ropa está rasgada.

¿Qué ensañamiento daré en la escuela?
Yo, que hice la revolución vestido de uniforme.

Que cuando fui a la guerra, me disparé a mí mismo.
Que fui abandonado dentro de mi casa.

(sonó la campana, un mendigo allí estaba;
no le di comida, aunque la hubiese desechada.)

¡Qué nostalgia tuve hoy de mañana!

Porque en mi vientre
una memoria fotográfica,
revelada en una sala luminosa,
se rasga.

Concluyo sobrevivirme solamente
porque la muerte no me quiere.

Sí, es mi cuerpo que a mí me carga.
Es mi alma entre las piernas.

Oh Dios, ¿quién de nosotros ha pecado?
¡Ah, si hubiera perdón sobre las manos mías!

Pero no admito ser culpable:
gozo el crimen de vivir tranquilo.

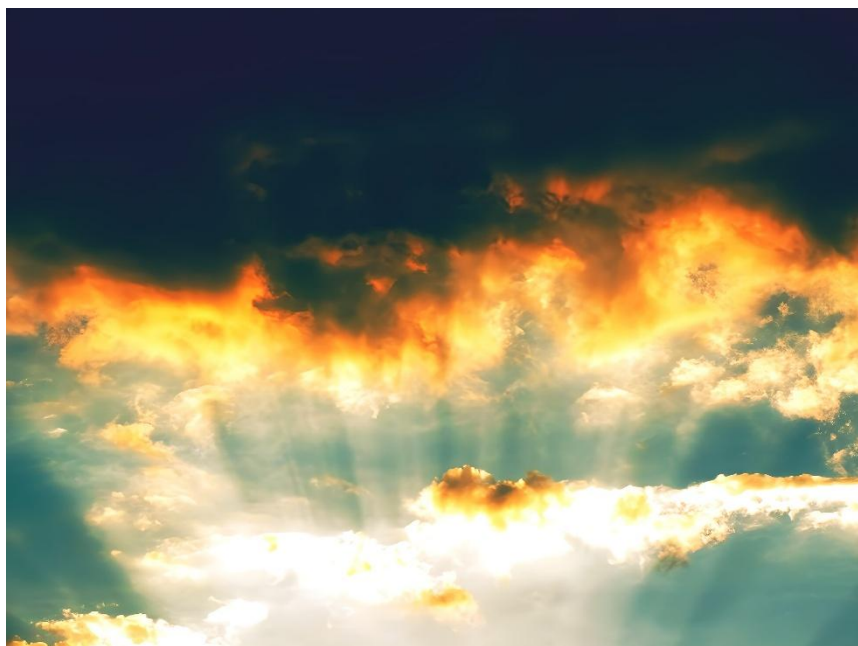


ÁQUILA

Quando eu acordava, ela estava dormindo.
Quando ela despertava, era eu quem estava.
Não nos encontrávamos mais.

Um dia, acordamos juntos.

Havíamos morrido.



LIRISSÍSSIMO

Não quero nada,
Apenas escrever um poema bonito.
Desses de festivais de declamação,
Que embelezam concursos e vão parar nos livros.

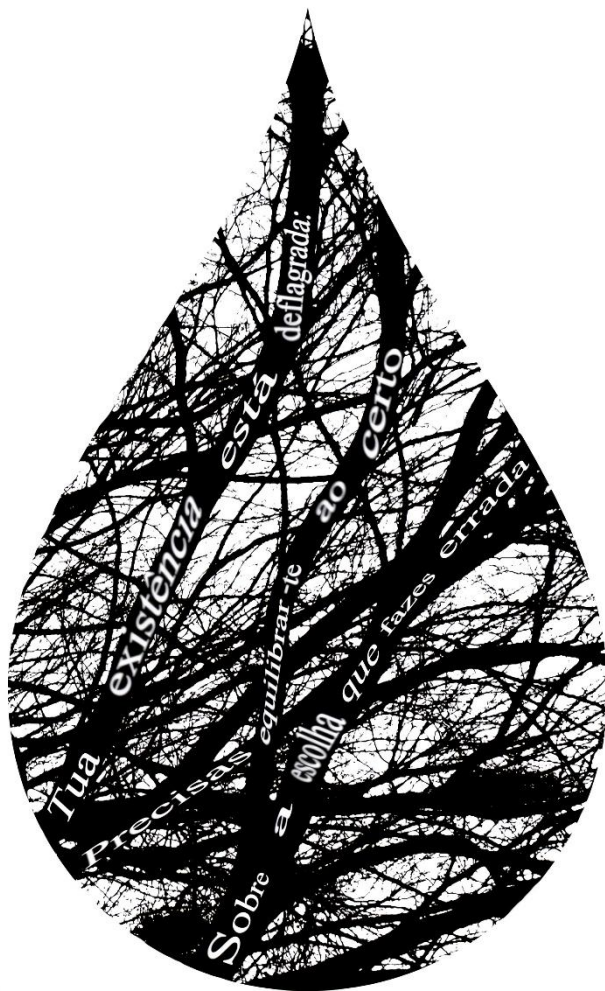
Um poema lindo feito a nossa terra.
Puro como a vida do campo,
Tão digno quanto o amor.
Que celebre a paz, e não a guerra.

Um poema que pudesse
Ser exposto na parede do corredor.
Que todos pudessem ler,
Mesmo os senhores e as velhinhas.
Um poema que falasse de fé e alegria
— Era só isso que eu queria!

Cheio de versos simples e rimas ricas.
— Um soneto colorido que pudesse
Ser mostrado para a família.

Eu só queria fazer um poema
Que as crianças fossem ler no colégio,
Buceta!

VIDA EM GOTA



NIHIL EXTREME II

V A Z I O

V A Z I O

V A Z I O

V A Z I O

V A Z I O

B U

R A

C O

V A Z I O

V A Z I O

V A Z I O

V A Z I O

V A Z I O

B U

R A

C O

V A Z I O

V A Z I O

V A Z I O

V A Z I O

V A Z I O

COL

PE
RO

A

L

G

U

R

E

S

OCA

FOR

A

E

LONG

ÇÃO

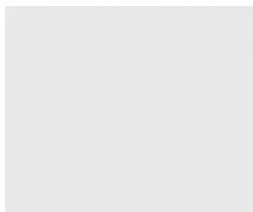
ACOL

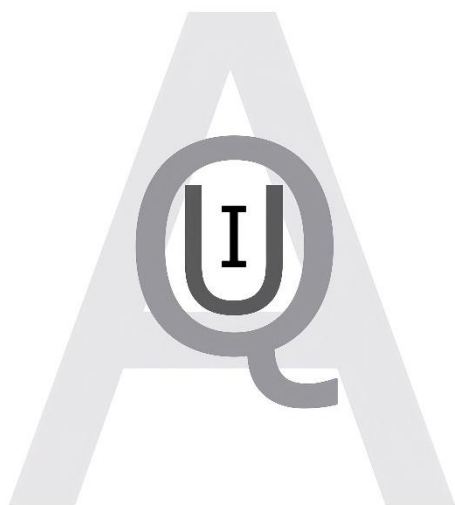
Á

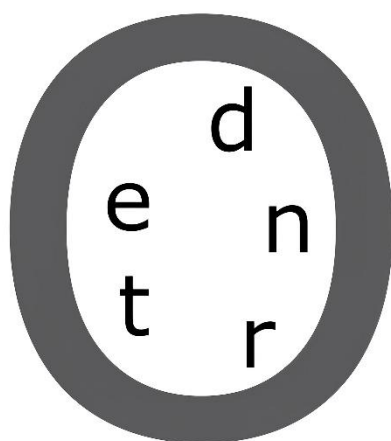
AL

ÉM

NENHURES







III – ÇA



TEORIZAÇÃO SOBRE A TEORIZAÇÃO

O ser humano era apenas um animal perigoso, assim como a maioria dos outros. Mas foi só colocar ideias na cabeça que ele se tornou pior que todos.

Quando as ideias, e não mais a necessidade, passaram a justificar seus atos, o mundo viu acontecer as injustiças mais esganadas e as guerras mais afetadas. Não há cair de uma pedra hoje que não implique nas teorizações as maiores bobagens.

A ideia é a escultura que fazemos com a mente, que depois de tanto burilada, não queremos abrir mão, ou assim, “abrir cabeça”. E quanto mais sofisticada, tanto mais nos enche de vaidade e satisfação, mesmo que de nenhum modo singre à realidade.

Criticamos os que se entopem de bens, mas andamos às voltas de nós mesmos com a cabeça cheia de ideias, tão falsas e reles que melhor estariam ali, naquele outro lugar.



CACA

Há um pequeno livro chamado *on bullshit*, escrito pelo filósofo norte-americano Harry G. Frankfurt, traduzido no Brasil com o título “Sobre falar merda” (uma ótima jogada editorial, diga-se).

Nele, o autor expõe uma diferenciação entre “falar merda” e mentir.

Conforme explica, a mentira se dá quando uma pessoa tem (ou acredita ter) conhecimento da verdade, mas deliberadamente a falseia ou a esconde, com o propósito específico de enganar alguém.

Já falar merda ocorre quando se afirma alguma coisa desconhecendo sequer qual é a verdade e também sem nenhum interesse em descobri-la.

Quando se mente, a verdade, embora omitida ou distorcida, não deixa de ser objeto de atenção por parte do mentiroso, influenciando, mesmo que silenciosamente, a afirmação inverídica.

Mas quando se fala merda, a verdade é irrelevante e totalmente menosprezada. A única consideração axiológica que o agente faz de seu discurso é se ele atinge o intento de atrair atenção ou impressionar.

Ademais, mente-se em casos específicos, mas se fala merda genericamente.

Por tal razão — completo desprezo pela verdade — o autor considera esta segunda categoria mais perniciosa do que a primeira.

Mas deixemos o livro e partamos para a internet.

A percepção dos conceitos acima mencionados é fundamental para entender por que a internet, mais especificamente as redes sociais, se tornou um terreno tão infesto para nossa inteligência e tão insuportável para os nossos sentidos.

Estivéssemos mentindo, ao menos teríamos o subconsciente a nos perturbar; alguém poderia nos desmentir sem se sentir constrangido em fazer isso; sofreriamos sanções morais e as pessoas se afastariam de nós temendo nosso laivo malicioso.

Mas não, estamos simplesmente falando besteira em demasia! Expressamos com ares professorais assuntos que nem sequer conhecemos e não buscamos conhecer de verdade. E, justamente pelo fato de que não nos pesa a consciência por estarmos mentindo, nossa expressão é eloquente e o nosso discurso, extasiado!

O mal que estes comentários na internet causam decorre justamente da impotência em se lutar contra eles, pois, mesmo que a verdade seja esfregada na cara do autor, ela é totalmente indiferente para ele. Quedamos inermes.

O presente texto não é uma censura a tais atitudes (embora censuráveis), pois ninguém hoje em dia, com as facilidades tecnológicas disponíveis, está a salvo de cometê-las. É sim uma tentativa de diagnóstico à luz das definições lançadas por Frankfurt em seu livro.

Um dos fatores que têm agravado este quadro é justamente o progresso da tecnologia de informação.

Antes, o período entre o conhecimento de um fato e a sua disseminação para terceiros era consideravelmente maior. Os jornais dispunham de certo tempo para analisar o que iriam divulgar ao público. As pessoas fofocavam cara a cara. Hoje a produção de notícia preza pela velocidade acima de tudo e as pessoas fofocam para centenas de outras.

Há ainda ferramentas que dispensam inclusive o ato mesmo de falar (ou de escrever), tais como as “curtidas” e o compartilhamento.

Outra razão é o próprio uso que se faz dela enquanto mecanismo de informação.

Muito se tem dito que a internet é uma ótima substituta da televisão para o acesso às notícias, o que é verdade. Mas não se dá tanta atenção à forma como elas são obtidas. Com efeito, grande parte delas é sorvida da mesma maneira que pela televisão: passivamente.

Conta-se com um número maior de fontes de conteúdo na web do que na TV, mas quando simplesmente se absorve informação, deixa-se de fazer uso do que justamente diferencia a internet das outras mídias: a possibilidade de se investigar a notícia.

Ao contrário, buscamos uma fonte que reputamos mais confiável, e, provavelmente por isso mesmo, deixamos de investigá-la.

Além disso, também não se estuda o assunto — Não se investiga, não se pesquisa e não se estuda.

A rapidez dos fatos nos faz esquecer que estudar é justamente... lentidão! Conhecer consome tempo. Livros existem aos milhares. Ler um apenas, toma várias horas; dominar um assunto, anos.

Um exemplo que vem ocorrendo atualmente no Brasil são os comentários sobre os projetos de lei a serem votados no Congresso.

De repente, a segurança pública se tornou simples como um jogo da velha; a saúde, um mero par ou ímpar; a economia, fácil como pular amarelinha. Falamos sobre aborto e direito penal como se estivéssemos torcendo por um time de rúgbi: sem conhecer as regras do jogo e sem, de fato, querer conhecê-las.

Isso sem mencionar as páginas do Facebook, o contraposto exato dos livros.

Se um escritor de um livro não consegue encontrar a verdade, é uma coisa. Se se engana ou engana a seus leitores, outra. Mas é menos provável que, ante tanto trabalho e dedicação à feitura de um livro, esteja somente interessado em “falar merda”.

Páginas do Facebook, ao contrário, querem antes de tudo atrair atenção, conquistar curtidas, angariar audiência. Se a maioria dos administradores é honesta e busca conhecer o que disponibiliza, ótimo, mas uma considerável parte não se dá a tanto.

Enfim, continuaremos falando besteira, isso de certa forma é inevitável. Dispomos de ferramentas de comunicação fartas e fáceis de serem usadas, uma tentação inexpugnável à nossa sede de carinho digital.

The shit must go on.



EM TROCA DE *LIKES*

As redes sociais minam a criação de obras de arte e obras literárias.

Para a elaboração de tais obras, é necessário quase sempre individualismo, encastelamento, demora. É preciso que seja empregado um tempo significativo, se não na concepção da ideia, pelo menos no seu desenvolvimento.

Um poema, por exemplo, embora possa surgir de uma só vez na pena do escritor, carece frequentemente de um rebuscamento posterior, de uma revisão centrada, de uma análise criteriosa. O que é feito de forma solitária e com grande dispêndio de tempo.

É comum que livros nasçam de uma simples frase, que pinturas se desenvolvam de meros traços rascunhados em um papel, que uma sinfonia se origine de um modesto encadeamento musical. Mas, nestes casos, o trabalho posterior do artista no rebuscamento desse mote inicial é que será o grande responsável pelo surgimento da futura obra de arte.

Ocorre que, atualmente, uma grande massa de artistas e produtores de conteúdo não está se dando tempo de desenvolver esse trabalho.

A euforia de produzir conteúdo ligeiro e de compartilhá-lo imediatamente nas redes sociais faz com que não se tenha oportunidade de elaborá-lo com rigor e profundidade.

Veja-se o exemplo do Twitter, em que milhares de pensamentos e frases de efeito são criados e despejados instantaneamente todos os dias.

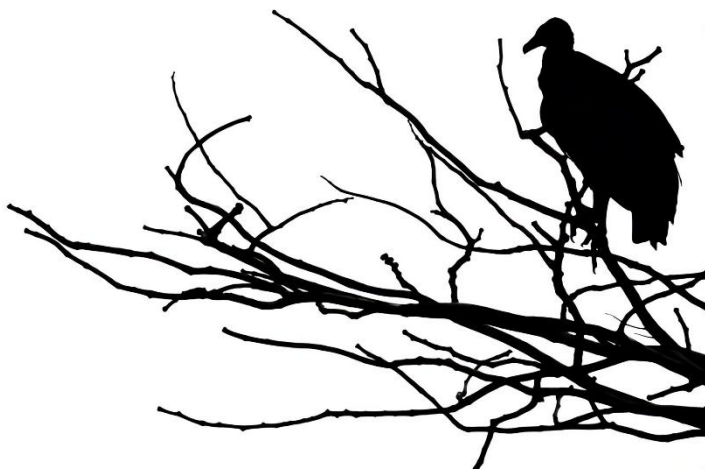
Quantos destes pensamentos, se resguardados e refletidos por certo tempo, se melhor desenvolvidos internamente, se impregnados de labor sério e dedicado, não poderiam se tornar verdadeiras obras literárias, sejam poemas, contos ou até mesmo livros?

Quantas postagens no Facebook não se transformariam em verdadeiras monografias se não fossem despejadas ali apressadamente, tão logo contabilizadas e, por isso, de pronto abandonadas?

Em verdade, o trabalho do artista ou do escritor é, a princípio, ingrato. Realizado quase sempre na solidão, o retorno e o reconhecimento das obras produzidas se dá somente após um grande período de tempo: seja tanto necessário à conclusão da ideia quanto à elaboração do suporte em que serão disponibilizadas.

Tudo isso hoje em dia, todo esse “sofrimento de clausura”, foi praticamente abandonado por grande parte dos que produzem tais trabalhos, optando-se pela disponibilização rápida e rasteira do material produzido, sem mais rebuscamentos, à massa de “amigos” e “seguidores”.

Em que pese o fato de a maior parte dos utilizadores das redes sociais não ter nenhuma pretensão artística, certo é que, por outro lado, várias pessoas verdadeiramente talentosas e interessadas nisso estão se perdendo na velocidade, sem sequer perceberem a armadilha deste processo.



ENREDOS SOCIAIS

Antigamente não havia facilidade de comunicação entre o escritor e o leitor. Aquele se esforçava ao máximo para ser claro; este, para compreender.

Se tal não ocorresse, pensava-se mais. Reflexia-se.

Hoje, vem um no Facebook e escreve na velocidade dos dedos; vem outro, logadasso, e lê na velocidade dos olhos. Uma rascunhagem que só pra ver.

Daí, num *clike* (mistura de *clique* com *like*), a comunicação é estabelecida: — Não entendi, me explica — e lá vai o besta na elucidação.

Antes, tivesse escrito com mais vagar. E tu aí, refletisse melhor antes de perguntar!

É a facilidade da receita — o afastamento da reflexão. A urgência do texto — soterramento da fundura.

Não basta mais estar no fundo do poço, ainda tem que acabar o papel.

Então, pense bem que algoritmo você quer para a sua vida. Parece que nunca leram aquele livro do famoso escritor de autoajuda: *“Como vencer na vida usando apenas a marcha ré”*.

P.S. Antes de me dar *unfollow*, lembre-se que eu tenho filhos para criar.



LIDROS

Hoje em dia, as bibliotecas estão sempre abarrotadas de leitores. Não leitores de livros, sim estudantes de resumos e apostilas. Pessoas de conhecimentos específicos e finalidades certas: provas e concursos. Alunos de cursinhos que competem por uma carteira ao ar-condicionado.

Se lhes perguntam o que são aqueles objetos de que as estantes ao redor estão cheias, não sabem dizer que são livros.

As fichas de empréstimo estão virgens. A bibliotecária está vendendo bijuterias numa outra sala para as amigas.

Se alguém vai a uma biblioteca em busca de algum romance para ler, um alarme vermelho soa, e o esquadrinhador é visto como um... um caso a ser estudado!

Teve até uma vez que o diretor mandou evacuar a biblioteca e dedetizá-la porque alguém retirara um livro de poesia da estante e leu um verso.



ENVELHECER

A velhice se opera em dois planos distintos, o físico e o intelectual, mas é como se a ordem cronológica produzisse efeitos contrários em ambos.

Enquanto no plano físico o que importa é a manutenção de um corpo o mais jovem possível, no plano intelectual a velhice se manifesta justamente pela conservação dos padrões de discernimento adquiridos na tenra idade.

Na medida em que o físico deve se resguardar o máximo possível, o intelecto deve se renovar continuamente.

Juventude física significa manter um corpo cujo ápice da dinâmica e desenvoltura se dá nas primeiras três décadas de vida, a partir das quais se inicia o processo de degeneração, e a grande luta é conservar ao máximo aquela potência.

Assim, manter o corpo afastado das erosões do tempo é manter-se hígido e jovial fisicamente.

A intelectualidade, ao contrário, é um caminhar incessante morro acima e se edifica mediante o acúmulo de informações.

Sendo impossível que as informações sejam implantadas nas pessoas como um cartão de memória no computador, a sucessão dos dias ainda é a forma de aquisição de conhecimento por excelência, e é justamente a capacidade de usar tais cognições de forma justaposta ou substituinte ao que já se percebia que constitui a juventude da mente.

Embora a simples reunião de informações, por si só, não implique sabedoria, no geral, a apreensão de novos dados da realidade contribui para o processo evolutivo e o aprimoramento do intelecto.

Neste processo, não é difícil que ocorra até mesmo uma reviravolta do que até então se pensava, das opiniões, dos critérios de julgamento, dos gostos pessoais.

No dia a dia, ao nos depararmos com pessoas em idade já avançada, mas jovens fisicamente, sentimos apreço; porém, experimentamos certa desestima quando alguém, a despeito de suas várias estações vividas, conserva a mentalidade ainda adolescente.

Portanto, suster as mesmas opiniões sobre os assuntos, pensando invariavelmente do mesmo modo que há dez, vinte, trinta ou mais anos atrás; considerar que os bens culturais preferidos (livros, filmes, músicas etc.) co-

nhecidos na juventude ainda mantêm tal posição; preservar incólumes gostos adquiridos no primeiro contato com as coisas, são indicações — ao contrário do que o senso comum deduz — de que se está velho.



CIVILIZAÇÃO

O ser humano mistura-se Deus e Animal. Há que se buscar o aprimoramento espiritual, mas não podemos desdenhar da força que o animalístico exerce sobre nós.

É um erro de muitas pessoas se submergirem apenas na ascese espiritual — esquecendo-se do porquê do estômago roncar — ou na somente na animalidade desenfreada — quando os instintos passam a ditar a razão.

Todavia não é prudente, como dito, renegar uma ou outra.

A civilização é justamente concretude animal com espiritualidade humana. Nenhum animal jamais erigiu uma civilização, apenas sociedades. (Sociabilidade é uma necessidade para que haja civilização, mas não sua causa.)

Enquanto a animalidade desponta em cada momento da vida (a precisância de dormir e as consequências fisiológicas da sua falta; a fome e o que se faz para supri-la; os desejos incontidos e o que se faz para apaziguá-los — tudo tão fremente e frequente), a espiritualidade precisa ser encontrada, construída, aprimorada, e até mesmo desejada.

Pode-se dizer inclusive que a animalidade trava uma luta contra a espiritualidade, pois primeiramente devemos saciar as necessidades daquela, que são urgentes.

Somente depois de silenciado o animal conseguimos passar à meditação, à contemplação, ao pensamento desinteressado, que leva tanto às ideias e à arte, encarando o rosto do espírito.

Pois bem. A civilização é de uma incristalizável fragilidade. Para além de se constituir, por si só, uma construção — logo, um trabalho — é também uma luta contra o furor destrutivo da animalidade.

Em suma, a civilização compreende dois esforços: um de formação e outro de preservação.

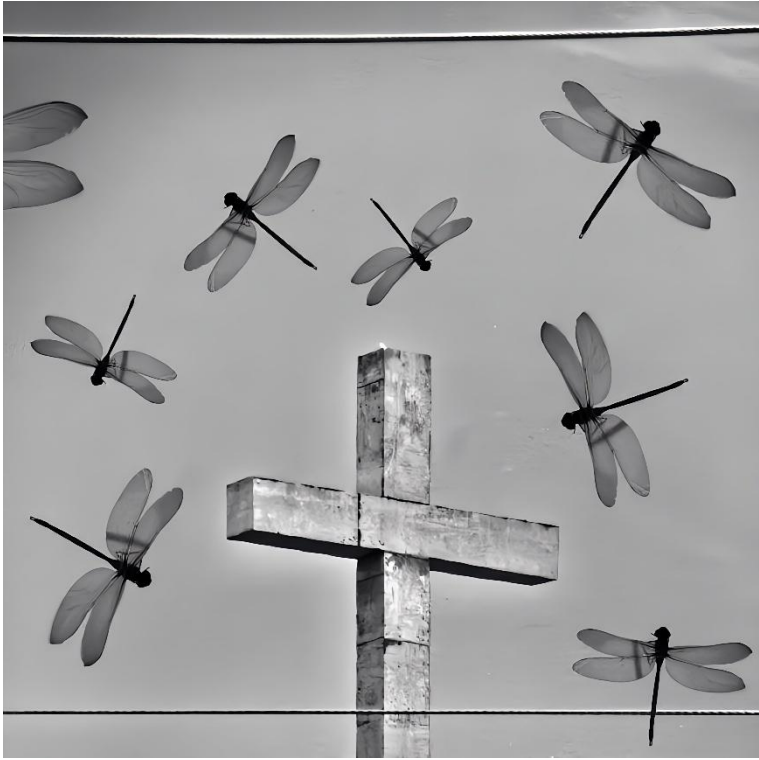
É feito uma folha de papel. — Aqui está uma folha. Pronto, já rasgamos. — Acabar com a civilização é fácil como rasgar essa folha.

Uma das maiores pragas da humanidade são pessoas que, valendo-se de todas as benesses da civilização, lutam para aniquilá-la, seja por animosidade pensada, seja por ignorância pura, acreditando que a civilização é algo que existe por si mesma, sem necessidade de estafante labor, tanto para erigi-la quanto para preservá-la.

Sejamos, então, civilizados. Conscientes de que para isso é preciso empregar trabalho e lutar: dar a mão ao espírito e domar o bicho.

Vejam que a caneta à mão, a cadeira em que sentados, o eletrônico aos olhos, o vocábulo escrito, nada disso existe por conta própria, e tudo pode ser, tal como aquela folha, num piscar de olhos, destruído.

Ser animais-deuses. Não apenas animais; não apenas deuses: o ser humano não é só um nem somente o outro.



LIVRAI-ME DE MIM, AMÉM

veio god e escreveu the human delusion; aí veio dawkins e escreveu the god delusion; aí veio mcgrath e escreveu the dawkins delusion; aí veio françois e escreveu the mcgrath delusion; aí veio josé e escreveu the françois delusion; aí veio rodriguez e escreveu the josé delusion; aí veio vincenzo e escreveu the rodriguez delusion; aí veio... aí veio schopenhauer e escreveu: “nada é mais provocante, quando estamos discutindo com um homem usando razões e explicações e fazendo todos os esforços para convencê-lo, do que descobrir, no final das contas, que ele não quer compreender, que temos que nos entender com a vontade dele”

AQUINÃO É
DORMITÓRIO

MAIS É PASSA

CHUVA

POLÍTICA É PASSA-CHUVA

Política é o que há de mais superficial no pensamento.

Por isso, é necessário que, na busca pelo conhecimento, a pessoa se inteire, primeiramente, dos princípios básicos da política.

Não adianta procurar pela metafísica e querer vislumbrar o que é a alma, por exemplo, se antes não tentou, ao menos, entender o que é o Estado.

Mas, bem por causa dessa superficialidade, grande parte das pessoas não consegue mais se desvencilhar da política após se confrontar com ela.

Passam, então, a utilizá-la como régua para qualquer desmedida e como resposta a qualquer ininteligência. E mais, vão à loja e compram a camiseta oficial do time; aí se tornam “de esquerda, de direita, conservadores, liberais, comunistas e até anarquistas”.

Pronto, agora leia o manual, siga o estatuto, observe a convenção do condomínio, respeite a ata da assembleia. Agora é só torcer.

Não há como negar que se definir politicamente aprisiona a mente.

Os termos políticos e ideológicos são apropriados para a guerra, para a luta, mas não para a existência plena nem para o melhor entendimento de mundo.

Certo, a política é, tipicamente, a arte, ou ciência, da escolha. Ela demanda que apontemos para que lado nossa vontade pretende conduzir-se. E aqui não há possibilidade de não-escolha — vide as eleições.

O pleito será feito de qualquer forma, mesmo sem a sua participação. Sendo que as opções são entre duas realidades, e não entre uma realidade e um ideal. Havendo que se escolher entre duas daquelas (portanto, imperfeitas, em oposição à idealmente), se tenta a que pareça menos incorreta.

Nessas horas as definições políticas de guerra são usadas à consecução da melhor — menos pior — opção.

Tudo bem, esquecemos que a vida é embate, e que frequentemente se torna necessário engajar-se para sobreviver.

Mas a grande massa não se contenta apenas com as horas de disputa e leva isso para todo o resto, porque tais pessoas são... bem, vocês entenderam.

Assim, não percebem quando a vida não é luta, que há ocasiões e momentos que vão do simples desfrute à mera indolência, passando pelos estados de alegria e conforto.

Pois é aí que devemos arrancar as definições políticas das nossas mentes e abarcar a vida toda, fora da torcida.

E, quem sabe, esses momentos não são justamente os mais frequentes?

— São, sim — diz o outro.



UM CABIDE PRA CHAMAR DE MEU

“Que brilhantes serviços nos presta o nobre deputado!
Faz projetos, vai a reuniões, tudo em nome do povo.
Mas agora chegou a hora de lhe propormos algo novo:
Pagar-lhe em dobro pra que fique em casa, deitado.”
Michel Temer

>>> em última análise >> ESTATAL quer dizer GOVERNO >> que quer dizer POLÍTICOS >> que geralmente err, coff, brr, ahn < trabalham < gulp, huh, tic, ugh, com FAVORECIMENTOS PESSOAIS >> que quer dizer CABIDE DE EMPREGO >> ou seja >> aquele sobrinho de deputado que não quer nada da vida, que você nunca contrataria para o caixa da sua mercearia, nem para anunciar os números do bingo e muito menos para sua banquinha de jogo do bicho, pois este sobrinho foi trabalhar no gabinete do tio e, agora mesmo, você próprio pode ver, está mandando elaborar esse projeto que será uma lei no futuro, uma bela de uma lei, uma senhora e empoladíssima lei, uma lei assim, fatal, que você será obrigado a respeitar, senão lhe prendem >> e quando isso acontece, você põe a culpa no...!

> tá, pode até ser que não vá preso > mas pode morrer.

> uai, não sabe como se morre desrespeitando a lei?

>>> pois o sobrinho do deputado lá mandou um assessor, que mandou o estagiário elaborar um projeto de lei proibindo as crianças de levarem doces no lanchinho do colégio >> como “ó que bonito, estamos preocupados com a saúde das novas gerações”, o projeto foi aprovado sem nem tchuns >> aí o pai manda o filho com um chocolate para a escola, um batom — sabe, aquele chokolatinho >> o funcionário do colégio vê e diz pro moleque que isso é proibido >> o piá emburra e continua com o chocolate >> o diretor convoca o pai >> ele também não obedece à ordem — um trenzinho desses, ora! — e diz ao filho para ficar com o chocolate >> sim, o diretor tem todo o direito de chamar a polícia, o pai está descumprindo uma lei, e é o que ele faz >> o policial pede >> o pai não obedece >> descumprimento de ordem emitida por agente público, no contexto de atividade de policiamento, ante uma prática ilícita, é crime de desobediência >> tá no flagra, irmão >> que-

rem prender o homem >> ele resiste à prisão de tudo quanto é jeito >> matam o cara.

> ok, viajamos nessa

> mas fica esperto não pra tu ver.



A ARTE NÃO DEVE CONSCIENTIZAR

Um pensamento comum sobre a arte é o de que ela deve indicar soluções, trazer respostas, esclarecer situações, conscientizar pessoas. Enfim, fazer com que se “perceba melhor a realidade”.

Com esse propósito, a arte adquire um caráter instrumental e passa a ser usada como munição para o engajamento, o embate, a militância, a guerra; quando o valor da obra é considerado mais pela sua finalidade do que pelo seu caráter ontológico.

Já não basta que ela simplesmente exista; agora deve existir para, servir a, ter utilidade; que possa ser agarrada pela mão e atirada à consciência das pessoas, iluminando-as.

Arte virou quase sinônimo de pedagogia, e, se for meramente contemplativa, é taxada de “alienada”.

Ser simplesmente bela é motivo de desprezo, pois agora deve denunciar o lado feio e grotesco da vida: aquilo que ela tem de ruim e de insanidade, pura e simplesmente, para “fazer as pessoas enxergarem”; para instigá-las; estumá-las, tal como se faz com um cachorro.

A música é de protesto; a pintura retrata as mazelas sociais; a poesia incensa lutas políticas; as artes performáticas — as artes performáticas, ó Deus — dessas nem se pode falar!

Mas se observarmos com cuidado, poderíamos concluir que, justamente ao contrário, a arte é algo alienante por natureza: tem mais valor em seu despropósito do que em sua utilidade.

A arte deveria afastar a urgência, sustar a revolta e desinflamar o espírito.

Ao torná-la um mecanismo para a guerra, o artista está a se utilizar da forma em detrimento do conteúdo. Se a intenção é passar uma mensagem, açar o engajamento, “esclarecer” as pessoas sobre determinado tema, há formas muito mais eficazes para se atingir esse resultado. Todavia, usam a arte para, negligenciando este, alcançarem apenas o efeito.

Resultado é concretude: quando a ação encontra seu fruto, após tê-lo tido semente. Já efeito é a mera impressão, a qual poderá gerar ou não um resultado.

Portanto, se se opta por usar a arte para tais fins, ela pode não ser tão eficaz quanto, por exemplo, aulas, prestação de serviços, reuniões, debates, estudos dirigidos, arrecadação e distribuição de bens, conferências etc.

Além disso — o veículo usado (o objeto artístico) não se prestar a operar mudanças tão significativas quanto a ação e o comprometimento fora da arte, o próprio artista pode estar equivocado, o que já é outro problema.

Não se está condenando o uso da arte para este fim, absolutamente. Pois, enquanto meio qualquer, é lícito e até justificável que dessa forma possa ser utilizada.

Mas, se partimos de uma afirmação assim seca e provocativa de que “a arte deve alienar”, é porque, além da roupagem de manifesto que esse texto veste, o nosso tempo assim o exige. A arte é utilizada não mais para encantar o espírito, mas para engajar o corpo.

É por tal desbalanceamento que este escrito, desta forma, tem razão de ser. A arte pode ser usada para o protesto e a pedagogia, mas atualmente isso parece ser a sua causa primeira de existir.

Schopenhauer já disse que a contemplação estética é necessária justamente pela supressão da vontade que provoca.

E, se “a arte existe porque a vida não basta”, como disse o famoso poeta, é justamente porque ela deve nos fazer viver “a mais”, “a maior”.

Deve trazer a estupefação para os nossos sentidos tal qual a vida faz, arrebatando-nos com todos os seus absurdos, maravilhamentos e paradoxos. Não simplesmente focar em um só aspecto daquela mesma vida — geralmente sua faceta social.

Em outras palavras, o que a vida nos causa — a vida mesmo, a vida-em-si (a existência) — é a mais completa perplexidade, atonia e espanto. É o não saber aonde se guiar, é o ter-se chão mas não um caminho.

Assim também deveria ser a arte: impressionante, atonizante, desnorteante. Que nos tire o caminho deixando os pés; o ar, permanecendo os pulmões. Justamente o contrário do que tem sido proposto.

A vida é uma grande pergunta. Mas a nova arte, ao invés de emular isto, quer agora oferecer respostas.

Em suma, que seja ela, a arte, coisa que não saibamos para que serve. Tal como não se sabe da vida.



A ARTE NÃO

(Conclusão do texto aquele_a_arte_nao_deve_conscientizar.txt)

Como a arte passou a ditar, formar, ensinar, e agora serve também para guerrear, muitos artistas se desleixaram em relação ao conhecimento de áreas que não são de sua competência.

Explica-se: há um século, digamos, se quisessem se informar, eles liam os melhores livros, estudavam e pesquisavam — padeciam e se desgastavam como qualquer pessoa.

Hoje, basta ser artista, pois se presume que a arte, por si mesma, educa, instrui, habilita; explica, aconselha e ilustra; que a arte faz enxergar, prepara para caminhar, ler-escrever&calcular; ensaja vencer, encontrar o amor da vida, ser “e viveram felizes para sempre”, morrer orgulhoso, tranquilo e decentemente.

Arte é o ar orgânico, sem agrotóxicos, com selo de garantia, que infla o cérebro de sabedoria pela simples inspiração dos pulmões.

Daí é só você passar no sindicato, solicitar a carteirinha de artista — não precisa fazer prova, a inscrição é gratuita — e sair dando carteirada em todo mundo.

Enfim, esse pedagogismo foi a morte do artista. Essa politicagem, a da arte.

— Êpa, silêncio, turma, que a tia vai ler um trecho dum livrinho aqui pra vocês:

“E, por isso, dizia eu que o teatro está morto, no Brasil. Morreu a partir do momento em que nos politizamos. Felizmente, a nossa traição ao “drama brasileiro” tem nobilíssimas razões e, eu diria mesmo, razões sublimes. Não escrevemos peças, nem as representamos, e tampouco as dirigimos. Em compensação, salvamos o Vietnã e, ao mesmo tempo, resolvemos o problema da fome mundial. Dirá alguém que a fome do homem resistiu a Cristo, Buda, Alá, Maomé, Marx, Freud. Mas os citados falharam, por azar, inépcia, incompetência, má-fé, corrupção. O que não acontece com a Classe Teatral. Bem me lembro da nossa última assembleia. Enquanto vociferávamos, o

Pentágono foi surpreendido a ouvir-nos, atrás das portas; e do seu lábio vil pendia a baba elástica e bovina da pusilanimidade”¹

Atenção, muita atenção, psst!, silêncio, perai que a tia vai ler mais outra coisinha aqui:

“Mas repito: — por que até as vacas, até as caixas de fósforos brasileiras são premiadas, e os escritores, não?

Foi esta, mais ou menos, a pergunta que fiz a um amigo, justamente um dos idiotas da objetividade. Ele vira-se para mim e pergunta: — “Ou não percebeste que a literatura brasileira não escreve mais?” Tomo um susto: — ‘É literatura e não escreve?’ Exatamente: — a literatura brasileira é literatura, mas não escreve uma linha, uma frase, um verso, nada. Há, por todo o Brasil, um ensurdecedor silêncio literário.

Ebugalhado, perguntei: — ‘E que faz a literatura brasileira?’ Retruca o idiota da objetividade: — ‘Faz passeatas.’”²

¹ “As cabeças rolantes” de Nelson Rodrigues, em *A cabra vadia*.

² “Os defuntos literários”, *idem*.



ARTISTAS ANTIMERCADO

É comum artistas e intelectuais compartilharem um sentimento de aversão ao uso econômico dos seus trabalhos.

Há também uma opinião generalizada entre as pessoas de que o artista não deve buscar riqueza usando sua atividade para isso. De fato, este é um dos primeiros argumentos usados quando se quer desqualificá-lo.

Acolhendo tal juízo, grande parte dos artistas considera mais nobre angariar recursos do Estado do que se lançar no mercado e, assim, vendendo a sua arte em forma de “produtos”, fazer dinheiro.

Não se pretende discutir aqui o que enseja tal comportamento, mas é importante tecer uma breve consideração sobre produto e troca livre.

Basicamente, a variedade de coisas que precisamos em nosso dia a dia é muito maior do que temos capacidade de produzir; por isso todos precisam trocar bens entre si, suprimindo, dessa forma, as necessidades e os propósitos das partes.

Normalmente, essas trocas, se livres e espontâneas, produzem lucro para todos os envolvidos. Trata-se, em suma, de alguém poder oferecer o que tem de bom (vender) e outrem adquirir (comprar) o que de bom foi oferecido, seja por meio de permuta ou pagamento.

O dinheiro serve para retirar do plano abstrato o custo suportado na produção daquele bem, transformando-o em algo concreto (números) e, assim, facilitar uma transação.

Já mercado significa o conjunto destas pessoas realizando negócios em um dado período.

A distribuição de uma obra é deveras mais eficiente se ela assumir um formato que facilite e dinamize isso, ou seja, o produto.

É por essa catalisação proporcionada pelo oferecimento de um produto ao mercado que se chega à noção de que, ao deixar de transformar suas ideias e seu esforço em bens econômicos, o artista prejudica a si mesmo e se omite de prestar um serviço à sociedade.

O dano a si mesmo decorre do estado de escassez econômica do artista que, sem outros meios de subsistência, não consegue sobreviver adequadamente da própria arte.

É fácil perceber que a indigência raramente é boa; não é condição *sine qua non* para a autenticidade do artista e, menos ainda, elemento que prove, por si só, o valor estético de sua obra.

Já em relação à sociedade, o desfavor ocorre de duas maneiras:

1. A obra artística de real valor estético contribui para a sociedade porque funciona como ponte entre a arte — enquanto causa de engrandecimento espiritual — e as pessoas — pelo que podem auferir dela.

Ao possuir a capacidade de contribuir para o enriquecimento cultural da humanidade, passa a ser de interesse universal que uma obra valiosa alcance o maior número de pessoas, chegue aos lugares mais ermos e permaneça disponível pelo máximo de tempo possível.

E é mediante sua conversão em produto e por intermédio do mercado que isso ocorre mais facilmente.

2. Algumas pessoas utilizam o mercado da arte somente como meio de subsistência e para captar dinheiro. Na grande maioria das vezes, não estão preocupadas em produzir um trabalho de calibre que adentre, que perscrute a fundo os ideais artísticos, nem em se aprofundar no pensamento estético, ou seja, na propriedade daquela enquanto objeto de conhecimento do mundo.

Preferem não despendar grande esforço na criação de suas obras. Ao contrário, importam-se apenas que nasçam da forma mais ligeira possível e alcancem o maior número de pessoas para, assim, lucrarem com elas.

Pode-se objetar em classificá-las como artistas, mas o fato é que aprenderam a usar o mercado da arte para sobreviver às suas custas, sem qualquer cuidado em relação à qualidade do que estão oferecendo.

Uma vez que a arte não é como o alimento, cuja produção requer maiores cuidados para que enfim possa ser consumido, viram nela uma forma de ganhar dinheiro fornecendo aos consumidores um produto indolente.

Ainda, já que a arte possui um alto grau de subjetividade, moldam suas criações artísticas somente pelo gosto que o consumidor possui, o qual, na maioria das vezes, baseia-se somente na diversão abrupta e no prazer vulgar.

É aqui que a importância dos artistas engajados com uma arte intrinsecamente valiosa se evidencia: ao se insurgirem contra o mercado e não disponibilizarem nele seus produtos, acabam por facilitar que obras de pouco valor artístico ganhem espaço, imiscuindo-se no gosto do consumidor, e que

pessoas que usam a arte para fins estritamente interesseiros tenham o alcance que desejam.

Assim, o primeiro passo é justamente colocar à disposição obras cujos valores são superiores às demais, mesmo que, no primeiro momento, estas não tenham o alcance desejado.

Embora a solução não seja fácil, certamente não é apropriado escamotear a liberdade para forçar as pessoas a consumirem produtos de valor artístico supostamente superior. Até porque, quem irá atuar como o arauto da sabedoria para arbitrar quais desses devem ser consumidos ou não?

Portanto, se o artista realmente tem interesses idôneos com sua obra, afigura-se um quase dever disponibilizá-la à sociedade de forma o mais acessível possível, contribuindo para, a um só tempo, agregar ao cabedal social um conhecimento valioso e ocupar o espaço dos produtos culturais insignificantes.



MERCADO ANTICULTURA

Que o mercado não conduz, necessariamente e por si só, a um melhor caminho, pode-se notar pela seara cultural: quando solto, a maior parte dos produtos culturais oferecidos será de baixa qualidade, porque o grande público os tem em preferência.

Eis o dilema quando o tema é cultura: ou se deixa o mercado agir livremente, e então temos liberdade, mas no geral baixa qualidade; ou ficamos sujeitos aos mandamentos do Estado e perdemos liberdade.

Mesmo assim, é preferível um mercado livre a um Estado catequizante. Na verdade, não é questão de preferir: esse é mesmo o único caminho possível e a única forma de possibilitar que uma cultura genuína e sincera irrompa.

Primeiro porque: liberdade. Esta é a ordem natural das coisas. O princípio. No começo era a. Segundo porque: liberdade. Por mais que aflorem porcarias, não há melhor fertilizante para a cultura e a arte do que serem livres as pessoas e, logo, as ideias.

Dentre os problemas que surgem com o intervencionismo estatal, podemos citar:

- * Custeio compulsório de produtos e serviços que não escolhemos;
- * Promiscuidade entre Estado e cultura;
- * A cultura passa a ser usada como moeda de troca;
- * Cultura se torna, em grande parte, aquilo o que o Estado diz que é;
- * Massificação, com a criação de consensos, preponderância de temas repetitivos e proveito dos mesmos artistas;
- * Conformação dos artistas aos ditames estatais (tolhimento da irreverência e da crítica);
- * Incentivo à manutenção de uma mentalidade, que neste país é bem estabelecida, de dependência do Estado;
- * Mais intervenção estatal na vida privada;
- * Imposição de cima para baixo tanto de políticas públicas de cultura quanto de bens culturais;
- * Cabide de emprego nos órgãos de governo;
- * Setor público sujeito a influências políticas;

* Criação de cargos desnecessários e manutenção de estruturas físicas dispendiosas;

* Utilização dos recursos públicos em detrimento das necessidades mais prementes, como saúde e segurança;

* Ficamos à mercê dos gostos dos agentes públicos;

Sobretudo, como o Estado não está sujeito às leis do mercado, seu serviço é moroso e deficiente, realidade tão bem conhecida neste país.

Por fim, como já dizia a Vovó Mafalda: *“Toda vez que um ministério da cultura é extinto, nasce um João Ubaldo Ribeiro em algum lugar do mundo.”*



NIILISMO ESCALAR

Primeiramente, a pessoa contesta a sociedade. Os ditames, os costumes, as opiniões gerais, os gostos coletivos — tudo é problematizado. Colocada sob o crivo das ponderações críticas, chega-se à conclusão de que algo não está bem certo.

Ela passa a sentir que o seu ninho, do jeito que fora acomodado na árvore social, não está de todo arrumado. Seu suporte é inseguro, frágil; sua posição, tresloucada: a sociedade é muito questionável.

No próximo passo, ela questiona a família. Primeiro, os parentes mais distantes, decerto. Por fim, os pais. Estes são problematizados porque, percebe-se, também fazem parte daquela mesma sociedade de antes. Retira-se a fantasia de super-heróis e coloca-se neles o uniforme do operário-padrão. Vistos como realmente são comuns, passam a ser apenas outros em meio aos demais.

Grande parte das pessoas jamais questionará a sociedade. Menos ainda contestarão os pais. A maioria não falseará nada.

Mais à frente, a pessoa impugnará o gênero humano. Verá a parcialidade da sua história; as incertezas de suas façanhas; o seu *modus operandi* discutível e manco — o homem rui. Animal dentre animais: a humanidade é também degradingolada.

Se prosseguir em seu caminhar, a pessoa afrontará agora a ideia de Deus. Com o seu desfazimento, vão-se junto as religiões, os livros sagrados, os anjos, os santos, todos os demônios, a infalibilidade dos dogmas, a possibilidade de vida além da morte e grande parte das respostas dadas às perguntas sobre o sentido e a finalidade da vida.

Com a contestação a Deus, abre-se o abismo do niilismo explícito. Mas este é ainda apenas uma paisagem estranha, que se vê distante e miopicamente, enquanto não se passa ao outro lance: a contestação da vida.

A pessoa que chega até aqui e contesta a vida é o filósofo, não o suicida. O suicida já se matou há tempos, quando viu que a sociedade segue em erro, e não suportou isso. O suicida sucumbe logo à primeira negação.

A essa altura, temos o filósofo com a coragem de pensar o pior e que, mesmo não o desejando, não viu maneiras de afastá-lo, quando a vida — o que é a vida — mostrou-se sem nenhuma fantasia e alento.

Aqui sim, ele já se encontra em meio à paisagem árida que, outrora horripilante, agora começa a envolvê-lo indiferentemente.

Quem chegou até este ponto e contestou a vida não irá apressar-se em se desvencilhar dela. Continuará caminhando, mas sem estrada definida, Tateando para se esquivar dos perigos apenas. Andará e não chegará a lugar algum.

Não há mais caminhos que lhe apontem um sítio para alcançar. Passará seu tempo a viajar sem destino. Ao morrer, ao contrário do que possa parecer — ter chegado —, quedará como se tivesse acabado de partir. Por vezes, andará em círculos; poderá também ficar parado ou simplesmente regressar pelo caminho percorrido.

Descobriu que a vida é caminhar: a vida é verbo. Que a vida não é uma chegada, onde há uma premiação a ser entregue: a vida não é substantivo. Não há que se falar em finalidade, motivo ou sentido para ela, apenas movimento.

Agora, farrapo humano caminhante, se continuar sua jornada íngreme, terminará por contestar a si próprio.

Da mesma forma que abjurar a vida não significa matar-se, contestar a si mesmo não é aquinhoar sua personalidade. O pensamento contra si próprio é quase o último passo da pessoa que, tendo começado por denegar a sociedade, continuou nesta lida inevitável até acabar por desgarrar-se de si mesma, culminando na irrupção de todas as consequências inimagináveis!

Aqui estarão incrivelmente poucos.

Os que chegaram estão distantes uns dos outros, porque vasto é o espaço e poucos são os indivíduos. Sentem que o alento das outras pessoas são gestos e olhares, porque as mãos estão longe e são frias. O rosto está sulcado, os pés estão em feridas, os olhos não piscam. O corpo é um fiapo, um feixe de fibras.

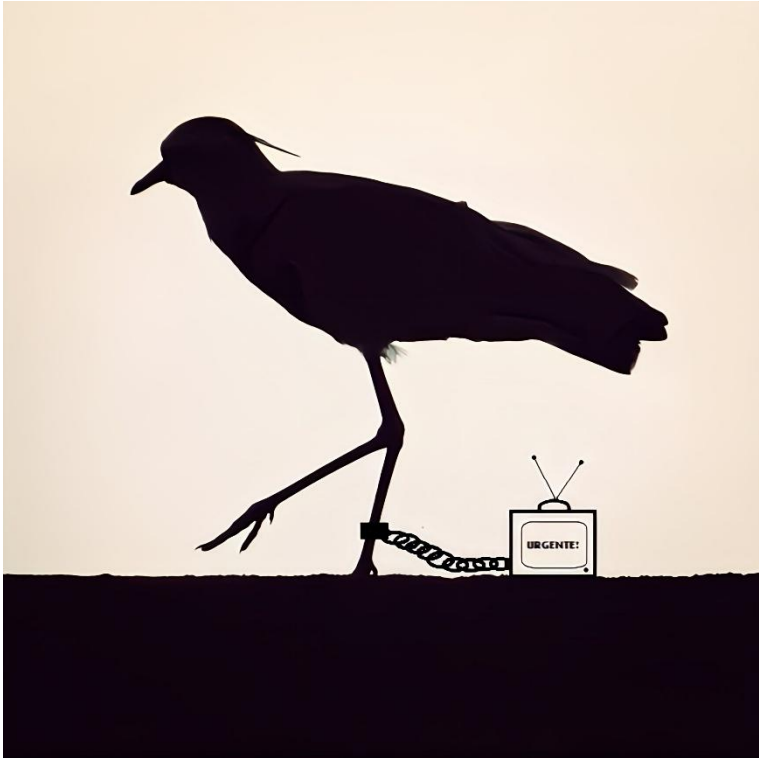
Estes, que abandonaram a si próprios, estão lúcidos, apreenderam os ludibrios da vida; sua percepção é uma lâmina afiada e precisa. Porém, estão sozinhos, sobrevivem apenas, ofegam. Devem estar entre os melhores, mas aprenderam que mesmo eles devem ser ninguém, e que também podem ser nada.

Por fim, a pessoa contestará, como uma obrigação para dar o derradeiro passo nesta jornada, o próprio niilismo.

Um niilista não pode ser niilista, nem o próprio niilismo deve existir, se ele percebe efetivamente a sua essência.

Assim como um cientista não pode acreditar na ciência, o niilista deve negar, acima de tudo, o niilismo.

Portanto, terá que retornar agora para antes do início de tudo isso, e acreditar em tudo.



DESINFORMAÇÃO

não assista aos telejornais. nem leia jornais. não queira saber tudo o que está acontecendo hoje, agora. não tente ser uma pessoa bem informada desse modo. é desnecessário. há muita informação hoje em dia. a maioria é irrelevante e produzida para vender. se inevitável, busque publicações mensais ou mesmo semanais. o que é menos irrelevante já estará filtrado. use o tempo do jornal para outras coisas. a menos que você trabalhe com isso: não é preciso assistir a todos os filmes novos; não é preciso ouvir as bandas “do momento”; escusado ler os lançamentos literários a toda hora publicados, notadamente as sagas. cuidado com os seriados televisivos: existem pessoas cujo trabalho é passar o dia inteiro inventando tramas e conflitos para manter o telespectador fixado. a exemplo dos desagradáveis *cliffhangers*. tenha em mente que, para além da ideia original inicial, o resto é apenas mais um produto de mercado. assista ao filme que você já viu; leia de novo um livro que você já leu; ouça músicas “antigas”. é aquela ideia: o menos é mais — mas para isso esse menos deve ser o melhor. atualmente, há uma indústria gigantesca da informação. e uma indústria da arte. e uma indústria da cultura! bom para quem está vendendo, incerto para você que está comprando. portanto, não busque saber de toda e qualquer novidade. as notícias relevantes chegarão até você. absorver muita informação não torna ninguém necessariamente sábio. o que é verdadeiramente importante saber não é fácil assim de alcançar. seria cômodo demais apenas ligar a televisão, pesquisar na internet, ler um livro e *voilà*: sabedoria pronta-entrega. a sabedoria é fruto de acurada observação, profunda reflexão e coragem intelectual. não assista aos telejornais. nem leia jornais. reflita sobre a importância ou não de querer saber tudo o que está acontecendo hoje, agora.



— Passando só pra agradecer.
— Pode passar.
— Obrigado!



Agência Brasileira do IBSN

IBSN 9 786515 648913



9 786515 648913

LIQUOR

RICARDO
CARLIN